

ZERO

Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC
Ano 13 - Edição 3 - Julho de 1996

O melhor lugar do mundo é aqui E AGORA?

Governo de Santa
Catarina gasta
R\$ 6 milhões numa
campanha publicitária
que transmite uma
imagem falsa do
estado

Índia da
reserva
Massiambu,
a 40 km de
Florianópolis.
Condições de
vida precária
à beira da
BR-101

ZERO

Jornal Laboratório do
Curso de Jornalismo da UFSC
Ano 13 - Nº8- julho/96

Arte: Ivan Jerônimo,
Solon Soares, Romeu
Martins, Christina
Valadão, Joice Sabatke

Colaboração: Alex
Cunha, Josette Goulart,
Patrick Cruz, Tatiana Ramos,
Carolina Heinen, Rogério
Kiefer, Nathan Manfroi,
Dubes Sonêgo, Romeu
Martins, Michelle Araújo,
Michele Oliveira

Capa: Foto: Elmar Meurer
Arte: Joice Sabatke

Edição: Joice Sabatke,
Christina Valadão, Gladínton
Silvestrini, Marcelo Santos,
Renê Müller, Elmar Meurer,
Daniela de Paula Queiróz,
Barbara Pettres, Laura
Tuyama, Paulo Henrique de
Sousa, Alessandro Bonassoli

Editoração Eletrônica: Joice
Sabatke, Christina Valadão,
Laura Tuyama, Daniela de
Paula Queiróz

Laboratório Fotográfico:
Barbara Pettres, Laura
Tuyama, Elmar Meurer,
Marina Moros

Montagem: Joice Sabatke,
Christina Valadão

Planejamento Gráfico:
Christina Valadão, Joice
Sabatke

Supervisão: Prof. Carlos
Locatelli

Redação: Curso de Jornalismo
(UFSC - CCE), Trindade,
Florianópolis/SC - CEP 38040 -
900

e-mail: com@cce.ufsc.br
Telefones: (048) 231-9490 e
231-9215

Telex e Fax: (048) 234-4069
Fotolitos e Impressão: Jornal
A Notícia

Tiragem: 5 mil exemplares

Distribuição: Gratuita
Circulação: Dirigida

POLÊMICA

Cai a máscara

O que aconteceu, dia a dia
25/06

Dois alunos de jornalismo da UFSC montam à noite, na porta do curso, um mural sobre homossexualismo com recortes de jornais e revistas, em comemoração ao "Dia do Orgulho Gay".

27/06

Um cartaz onde se lê "morte à viadagem" é colocado no mural. O autor - ou autores - é desconhecido, não se sabendo nem se é do curso de jornalismo. No mesmo dia, a resposta "nossas expectativas se confirmaram, as bichas enrustidas, os hipócritas e os cretinos piadistas se manifestaram" é afixada logo abaixo à pichação.

28/06

Esolicitada a sindicância para apu-

A montagem de um mural em comemoração ao "Dia da Dignidade Gay" desencadeia uma série de reações e repercussões num curso aparentemente liberal. Isto levou alunos e professores do Jornalismo da UFSC a discutirem publicamente a discriminação das minorias, principalmente de homossexuais, e a ética dos futuros jornalistas formados neste curso. ZERO dedica seu espaço editorial procurando esclarecer o episódio, tratado com parcialidade pela imprensa local.

rar a responsabilidade da pichação. Um cartaz com a inscrição "dia 30 de fevereiro, dia do orgulho do pai do gay" é colocado em outro mural do curso, conhecido como "Mural Legal". À tarde, um jornal apócrifo intitulado "O Cretino" é afixado no mesmo mural, ironizando as atitudes do grupo homossexual.

01/07

A sindicância é negada pela chefia do curso. A resposta "bichas enrustidas, saiam do armário" é colocada junto ao "O Cretino". Em seguida, sai a segunda publicação do jornal, com a manchete "nós não assumimos nada". A coordenadoria do curso é informada pelo grupo homossexual de que providências serão tomadas, inclusive consulta a um advogado.

03/07

Após a acusação de prática discursiva neo-nazista, é lançado o terceiro "O Cretino", com um artigo ridicularizando Adolf Hitler.

04/07

O "Mural do Orgulho Gay" é desmontado por seus criadores.

05/07

A quarta publicação de "O Cretino" ironiza a ameaça de processo policial contra seus editores.

09/07

A reunião do Colegiado do curso para a discussão do assunto não tem quórum. Mesmo assim é realizado um debate, com a presença de um candidato a prefeito e uma candidata a vereadora de Florianópolis, um vereador e um advogado, convidados do grupo homossexual.

12/07

Reunião do colegiado do Centro de Comunicação e Expressão - CCE - inclui na ata uma moção de repúdio à qualquer forma de desrespeito aos direitos humanos e de minorias.

O caso, à luz da lei

"No dia 9 de julho, o curso de Jornalismo, corajosamente, através de seu coordenador abriu uma discussão considerada tabu por praticamente toda a sociedade.

Não gostaria de me estender na polêmica criada pela circulação do panfleto "O Cretino". Creio que os fatos são por demais conhecidos e que a existência de um conteúdo racista nesta publicação é incontestável.

A luz do Direito, qualquer preconceito, independente de sua origem é crime inafiançável e seus autores estariam sujeitos ao enquadramento penal, inclusive com base também Constitucional. O outro crime que incorreram os autores de "O Cretino", foi de não identificar o autor do conteúdo escrito; reza o art. 5, inciso IV: "é livre a manifestação do pensamento sendo vedado o anonimato".

Não creio que as medidas meramente repressivas e de caráter punitivo sejam as mais indicadas para a resolução da referida polêmica.

Creio que este é um belo momento de se aprender um pouco mais sobre

tolerância e democracia, sem emitir conceitos de valores nem "a priori" de julgamentos.

O mais importante é que sejam identificados os autores da referida publicação, não como uma "caça às bruxas" ou para eventuais patrulhamentos ideológicos, mas para que possam de maneira honesta expressarem seu pensamento e defenderem suas idéias. Nos casos de persistência da transgressão legal, que os mesmos sejam identificados e punidos, conforme reza a Constituição, o Direito vigente e a própria Lei de Imprensa.

Entendo que o primeiro ato é o pedido particular de desculpas para as pessoas que se sentiram atingidas e a retratação pública das frases que ultrapassam o mau-gosto e a chabocota. Eventuais frases que possam identificar os autores com a ideologia nazista ou que incite a violência devem ser de pronto rechaçadas pelos seus autores que, devem, de público, deixar claro sua opção pelas regras do jogo democrático e pela ampla liberdade de imprensa.

Quanto aos ofendidos, creio que estes devem exigir justiça e não vingança, superando as manifestações de pura revolta e mostrar de que forma seus valores permitem uma ampliação dos valores que habitam o conceito da cidadania.

"... entendo que "O Cretino" deva continuar como uma publicação livre, com a identificação dos autores ..."

Gostaria de reforçar uma idéia que desenvolve no dia do debate, a de que é a vítima

de uma acusação que sabe se a intensidade da mesma é ou não preconceituosa, não o seu autor.

Desta forma, entendo que "O Cretino" deva continuar como uma publicação livre, com a identificação dos autores. Para um crescimento da qualidade é preciso que se tenha mais do que simples oposição de idéias, mas verdadeiros embates teóricos.

Gostaria de poder voltar a escrever sobre este caso onde eu possa analisar apenas como uma publicação de mau-gosto ou de valor estético duvidoso, não mais como um crime corrompem os alicerces de uma nação baseada em valores democráticos e pluralistas."

Rogério Portanova, Advogado e Professor do Curso de Direito da UFSC, Doutor em Sociologia e Antropologia Política

Não pode rir

“Fala-se em liberdade de expressão, mas só aqueles que estão do lado dos homossexuais podem se expressar sem patrulhamento. No curso de Jornalismo da UFSC, pelo menos, é isto que tenta se instaurar. A patrulha do politicamente correto usa todos os métodos possíveis para tentar impor suas vontades. As últimas ações foram chamar políticos que não são familiarizados com o ambiente do curso e tentar transformar em crime contra a humanidade a publicação “O Cretino”.

A vinculação da pichação “Morte à Viadagem”, no mural do orgulho gay, à publicação de “O Cretino” é uma tentativa ardilosa que só poderia ter surgido da paranóia de alguns professores e alunos de que as minorias estão sempre perseguidas por trogloditas desocupados. Tal vinculação não só é mentirosa como, caso fosse verdadeira, careceria ainda de uma prova. Não há. Logo, não se pode vincular uma coisa com a outra.

“O Cretino” surgiu com o objetivo único de rir e fazer rir da apologia ao homossexualismo e da ditadura das minorias que impera no curso de Jornalismo. O próprio nome do “jornal” é um deboche à rotulação feita pelos homossexuais aos demais alunos e professores do curso, que foram tachados de “bichas enrustidas, hipócritas e cretinos piadistas”. “O Cretino” identificou-se como uma publicação “cretino piadista”, e passou caricaturalmente a agir como tal.

O humor é a primeiro passo para a aceitação. E se houvesse alguém aqui no curso de Jornalismo que não aceitasse as minorias não se preocuparia em fazer “O Cretino”, partiria logo para algum método de eliminação desta minoria. Quem faz “O Cretino” reconhece os gays como grupo social e aceita-os democraticamente, procedimento que não tem reciprocidade.”

* o texto não está assinado

Primeira edição do panfleto apócrifo “O Cretino”, afixado no Mural Legal do Curso de Jornalismo da UFSC

A posição do curso

“Embora o fato tenha gerado uma enorme repercussão e tensões desproporcionais pensamos que tanto a Chefia do Departamento de Comunicação como a Coordenadoria do Curso estavam dando ao caso uma condução correta, séria e responsável. O fato de termos nos negado a abrir uma sindicância que deveria apurar os responsáveis pela pichação do mural, não quer dizer que estivéssemos minimizando ou querendo esconder o problema. Entendíamos, como continuamos entendendo, que a sindicância, além de acirrar os ânimos, serviria apenas para uma tentativa de punição em lugar de gerar respeito mútuo.

Lamentamos a maneira pela qual a imprensa participou do assunto e o tratamento dado a ele, transformando um problema interno em vias de solução, numa posição genérica e, pretensamente, assumida por toda a universidade.

Quanto ao fato do boletim chamado “O Cretino”, embora não concordemos que a linguagem seja adequada, não tomamos imediatamente uma atitude de repreensão porque historicamente o Curso e o Departamento têm procurado garantir ampla e irrestrita liberdade de expressão. Continuamos entendendo que mais do que reprimir é preciso refletir o que e como se produz e quais os limites da linguagem utilizada.

Finalmente defendemos que o Departamento e o Curso se preocupem com as questões relativas aos direitos humanos sem ter de cercar a liberdade e o direito de cada um.”

Professores Áureo Moraes e Neila Bianchin
Chefe de Departamento e Coordenadora do Curso de Jornalismo da UFSC

O Cretino

Um veículo voltado à cretinice: “Antes um cretino piadista que um viado mal-humorado”

Número 1 (Número por estremo mesmo! Porque aquela bolinha depois do “a” é coisa de viado!)

“Por que os outros viados são mais alegres que os nossos?”

Questão formulada por um dos mentores do Jornalismo gera polêmica no curso

Um dos principais professores do Curso de Jornalismo da UFSC propôs aos seus pupilos a pergunta Semp Toshiba “Por que os outros viados são mais alegres que os nossos?”, não obtendo resposta imediata. Os jovens repórteres foram à procura da solução deste enigma primordial, mas qual não foi a surpresa dos aprendizes ao descobrirem que o mestre já a possuía na ponta da língua: “Porque não dão! Viado virgem é a pior coisa que tem. Ou vocês acham que um viado que trepou a noite toda teria disposição para ficar colando cartazes por aí?”

Essa profícua discussão de gênero deu-se em pleno dia 28 de junho, durante as alegres comemorações do dia do orgulho de ser viado, e despertou outras questões, como um dilema no melhor estilo Toaltes: “Eles são tristes porque não dão ou não dão porque são tristes?”

Comovidos, mas não dando a mínima, a Associação dos Cretinos Piadistas do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, a ACPCUFSC, com o apoio de um elemento que se identificou como hipócrita (não, nenhuma bicha enrustida se manifestou) ficou intrigada com a estranha data comemorativa. Qual o orgulho em morder a própria língua? E por que raios dia 28, e não 24? E quem raios limpa essa água toda que vai pra fora da bacia? Questões como essas reforçam uma campanha de conscientização que a revista MAD fez na década de 80, que dizia: “Atenção! Se você sentir um aperto na cintura, um bafo quente na nuca, uma unha penetrando-lhe o calcanhar e a estranha sensação de cagar para dentro, CUIDADO!!! Você pode estar sendo curado!”

Curso é dividido em cinco categorias

Um sempre atento funcionário do Jornalismo, em seus muitos anos de estrada não deixa escapar nenhuma “suspeita” de deslizar no quibon. Ele carregou consigo um dossiê, denominado “Lista Rosa”, do qual não escapou ninguém. Mas o “Mural do Orgulho Gay” o surpreendeu. Com esse mural aí, a lista já está com mais de 500 espécimes”, afirma. Mas, como já disse um professor respeitadíssimo “Muito te enganasi! Muito te enganasi!” O Jornalismo atualmente encontra-se dividido em diversas categorias, que são: mulheres (a maioria, para a desgraça da viadagem), os viados (para a desgraça da mulherada), os bichas enrustidos (que não se manifestam), o hipócrita (que apóia os cretinos piadistas) e os

próprios cretinos piadistas, que se encontram indicados na ACPCUFSC. Na discussão citada na matéria principal, o visionário mestre afirmava que via lamentavelmente: que alguns de seus alunos estavam ficando tristes, cabibulhos, “horocóxos”. “Daqui a pouco, vai começar a dizer que está com um vazão interior, que precisa de algo para prometer este espaço, e depois vai sentir!” Francamente, viagadem! Quantas mulheres no curso vocês preferem ficar “biting the pillowcase”? Ainda mais agora, com as futuras nutricionistas caminhando pela famosa escada do Jornalismo. Já que elas vão ser nutricionistas, será que não é possível comer desde já?

Humor no olho dos outros é refresco

“O Dia Mundial da Dignidade Gay (28 de Junho) comemora o início da luta dos homossexuais pelo direito à uma cidadania plena. Para celebrá-lo, eu e um colega, com a colaboração da Profª Aglaír Bernardo, montamos um mural. Nele afixamos cópias de reportagens de revistas e jornais que tratavam gays e lésbicas de uma forma positiva. Tínhamos também o intuito de informar e mostrar aos nossos colegas, futuros jornalistas, como o tema é tratado pela mídia impressa nacional.

As reações frente ao mural foram as mais diversas, uns se detinham, liam as matérias, outros se assustavam ou se indignavam. Não imaginávamos que matérias de jornal, que não atacavam ninguém, pudessem causar tanto desconforto.

Surgiram reclamações, pichações, “piadas” afixadas sobre o mural e publicações ridicularizando os gays. As manifestações de preconceito, dissimulado em gracejos, se tornaram insustentáveis para os GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Mas como somos uma minoria, achavam que não tínhamos senso de humor.

Quem se depara a vida inteira com o preconceito é mais sensível à ele. E um jornalista responsável deve se preocupar com as várias leituras que um texto pode receber. Os autores das piadas e muitos dos que as leram não conseguiram ver a virulência e agressividade contida, não só contra os gays, mas também contra as mulheres. Faltou sensibilidade a muita gente que não se deu conta de estar magoando outros seres humanos, colegas e professores com os quais convivem. Ninguém zombaria de um mural comemorando o Dia Internacional da Mulher ou o aniversário da morte de Zumbi dos Palmares. Mas como o alvo eram os homossexuais....

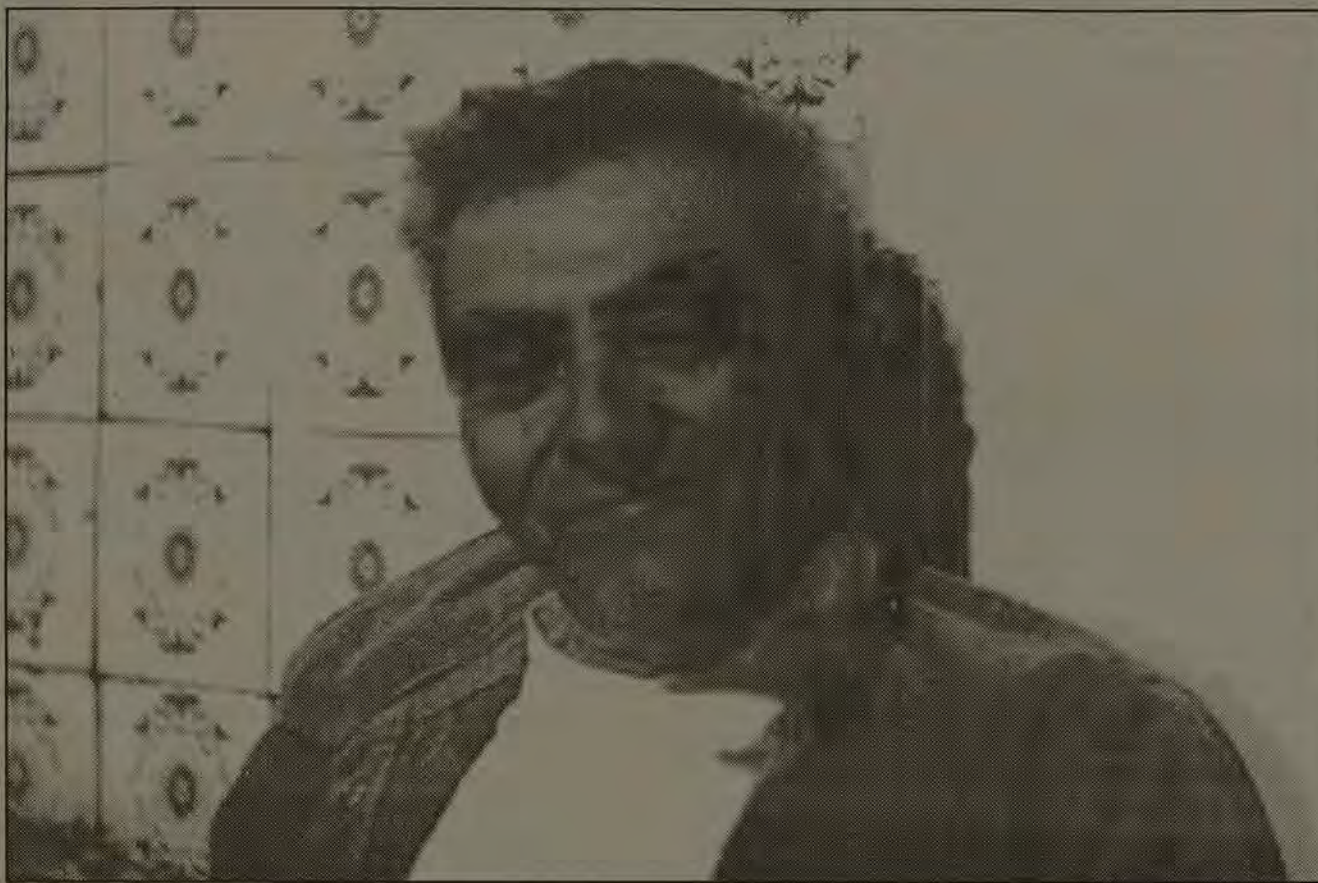
Se a repercussão ameaçou a imagem do Curso de Jornalismo, foi, isso sim pelo fato de manifestações preconceituosas terem tido livre trânsito. Não se pode julgar uma minoria pela ótica da maioria. Nessa perspectiva, cai por terra a recomendação de que se deve ouvir os dois lados, como se houvesse uma simetria de poder entre os dois.

Um jornalista preconceituoso pode destruir vidas de inocentes e nada pior para um curso de comunicação que receber este rótulo.

Essa discussão deve ter levado as pessoas a refletirem e a reflexão sempre é produtiva. Não pretendíamos fazer “apologia” da homossexualidade, mas mostrar parte da realidade que vivemos. Historicamente fomos, e ainda somos, tratados com preconceito, mas também temos direito à um lugar ao sol e queremos ser respeitados. Se com um jornalzinho afixado num mural estes futuros jornalistas conseguem causar tanta tristeza, imaginem quando estiverem trabalhando em um jornal de verdade.”

Cláudio Narciso
Aluno da 5ª fase do Jornalismo

O último vigia do mar



Maurício Giraldi/ZERO

Seu Modesto Vasques da Silva é um agricultor de 72 anos, "nascido e criado", como diz a moda, no Muquém do Rio Vermelho. Todos os anos, quando chega o mês de maio, ele se transforma no protagonista de uma tradição secular da Ilha de Santa Catarina: seu Modesto é vigia da pesca da tainha, na praia de Moçambique, há 38 anos. Essa profissão está desaparecendo. Quando a pesca tinha maior importância econômica, até a década de 50, lá trabalhavam quatro vigias, mas hoje só restou um

por Maurício Giraldi

Todas as manhãs, bem cedo, o patrão da pesca vem dos Ingleses, num caminhão basculante, pegando pessoas para trabalhar nos dois barcos e ajudar a puxar as redes. Logo que chegam na praia, vão todos para dois barracões de madeira, enquanto seu Modesto sobe o morro do costão e se instala em seu local de trabalho. Do alto de uma pedra no morro, num local estratégico bem de frente para o mar, ele passa o dia todo sentado, embaixo de um jirau coberto de palha, olhando para o mar. Fica das seis da manhã às seis da tarde, esperando pelos cardumes de tainha que chegam do sul, com o frio do inverno.

Sua idade avançada não o impede de continuar a trabalhar. Às vezes, seu Modesto diz para o patrão que não vai mais pescar, que já está velho. "Se não estiveres lá no morro, pode abanar quem for, que eu não ponho os barcos de água", é sempre a resposta, com um

Ele conta que consegue ver até quatro ou cinco tainhas nadando juntas e que aprendeu sozinho a enxergar os peixes. "Desde os 15 anos, quando já era pescador de caniço, via os peixes debaixo d'água. Depois que me casei, me puseram de vigia." Além da visão excepcional e de muita paciência para passar mais de dois meses por ano olhando para o mar, seu Modesto tem bastante experiência na pesca. Ele passou muitos anos embarcado como pescador profissional no Rio Grande do Sul.

SAIÇA-VIDAS - Seu Modesto conhece muito de "entrada de canoa na água", de correntes e de marés. "Às vezes tem peixe, mas a correnteza da água está para as pedras. Por peixe nenhum, eu vou colocar em risco a vida de seis ou sete chefes de família". Ele já salvou pescadores inexperientes que entravam no mar. "Defendi gente, mandei sair", conta.

Cerca de 50 moços, velhos e crianças, passam o dia nos barracões de madeira, na beira do costão da praia de Moçambique, somente esperando algum sinal do vigia. Entre conversas, brincadeiras e descanso, ficam atentos aos movimentos de seu Modesto. Lá de cima, com alguns poucos sinais, ou "abanos", ele transmite aos pescadores o tamanho do cardume, sua localização, profundidade e a direção em que estão indo. Indica também como o barco deve entrar no mar, atingir o cardume e "dar o lanço".

MAR ADENTRO - Rapidamente, todos correm para colocar os barcos na água e poucos instantes depois, lá vão os pescadores mar adentro, levando apenas os remos e as redes, de 500 braças de comprimento, cerca de 1.100 metros. Quando tudo dá certo, podem trazer até 10 mil tainhas, o que exige muita força para retirar as redes da água.

Depois de tanto esforço, é feita a partilha dos peixes, em "quinhões". O dono da rede fica com a metade, a outra metade é dividida entre a "camaradagem": o patrão, os pescadores, o vigia e os ajudantes. "Mas quem estiver na praia, também ganha uma ou duas tainhas", conta seu Modesto. O patrão fica com um pouco mais, porque é dono do barco, do barracão e arca com as despesas de alimentação dos pescadores.

Seu Modesto nunca vendeu um só peixe. Ele abastece sua casa e a dos filhos casados, além de vizinhos, amigos

e parentes. O que sobra, quando sobra, sua esposa, dona "Mimosa", escala e seca ao sol. "A tainha bem sequinha dura muito tempo", ensina.

Apesar da pesca artesanal estar diminuindo, seu Modesto não acredita que o peixe vá acabar. "O que Deus fez, dura, não acaba". Para ele, nem a pesca predatória industrial vai pôr fim à artesanal. "Os barcos matam muito peixe em alto mar, 40, até 60 toneladas, mas muito peixe escapa. Este ano mesmo, vi uma manta de tainha com mais de 500 mil". Ele acredita que, pior que o descaso das autoridades pela falta de fiscalização na pesca, são os tarrafeiros, que espantam os cardumes. "O peixe para a terra não corre, ele corre para o mar", declara. Ele conta que há alguns anos, "ficava peixe o ano todo", escondidos nas pedras. "Uma vez, matei três tainhas no dia 24 de dezembro", recorda.

Para seu Modesto, o futuro da profissão de vigia é incerto. Ele acredita que atualmente é difícil uma pessoa reunir todas as aptidões necessárias à profissão. "Muito moço vê o cardume na água, mas não tem experiência com o barco", declara.

ORQUÍDEAS - Mas a paciência de seu Modesto não serviu somente para lhe ajudar a esperar os cardumes de tainha. Desde menino, ele cultivava orquídeas e bromélias, num local escondido nas encostas do Muquém. "Com 10 anos, ia levar comida para meu padrasto na lavoura e encontrava as plantas cortadas de facão. Trazia comigo e ia plantando no chão". Deste modo, foi formando uma coleção que calcula ter mais de 20 mil mudas. Seu orquidário mais parece um jardim natural, onde as árvores e pedras são totalmente tomadas pelas plantas.

Quem vê a simplicidade de seu Modesto não imagina que ele é um profundo conhecedor de orquídeas e bromeliáceas. Aos poucos, foi aprendendo com os pesquisadores e colecionadores de todo o país e do exterior, que já visitaram sua coleção. "Eles falavam o nome científico e eu aprendia", conta. Sua coleção já foi tema de reportagens de jornais e revistas estrangeiras, o que é motivo de orgulho para seu Modesto.

Sua coleção possui quase todas as espécies de orquídeas e bromélias da Mata Atlântica. Das centenas de espécies que possui em seu jardim, muitas delas se encontram em extinção na natureza. Seu Modesto diz que não gosta de pensar nisso, mas sabe que suas plantas valem muito dinheiro. Ele até vende alguma muda, mas se desfazer das plantas não faz parte dos seus planos. Seu Modesto diz preferir as plantas nacionais. "As plantas estrangeiras não são tão bonitas como as brasileiras", revela.

“Ehhh, mardita!”

A cachaça, bebida mais tradicional do Brasil, ainda encontra seus melhores produtores entre os pequenos alambiques

por Rogério Kiefer

Pode até ser invenção do capeta, mas o certo é que a cachaça é a bebida destilada mais popular do Brasil. Chega a ser tida como um símbolo da alegria nacional - ao lado da mulata, do futebol e do carnaval. Encontrada em qualquer botequim de beira de estrada, a “branquinha” tem no preço um de seus principais atrativos, o litro de algumas marcas custa menos de 1 real. Além disso, serve para afogar as mágoas, esquecer do abandono da mulher, da derrota do time de coração ou apenas regar e animar um bate-papo. Essas qualidades fazem da pinga o principal produto de venda de alguns bares. A produção brasileira é desconhecida, pois, pequenos agricultores fabricam seu destilado artesanalmente sem registro.

O agricultor Oswaldo Merkle tem as mãos calejadas por mais de 40 anos de trabalho na roça. Descendente de alemães, como a maior parte dos produtores da região de Joinville, conta que seu pai começou a produzir cachaça em 1930. Hoje, com a ajuda do filho Alexandre, Oswaldo Merkle chega a produzir 60 litros por dia, entretanto, revela que as vendas andam baixas e a maior parte da produção tem ficado armazenada nos alambiques. Segundo ele, que

tem um bar na beira da estrada onde vende principalmente para turistas de passagem, nunca houve uma paralisação tão grande na comercialização. “A recessão causada pelo governo atingiu bastante o comércio de cachaça”, reclama.

Não existe muito segredo para produzir uma boa pinga. Para seu Oswaldo, o essencial é cuidar da higiene do produto, filtrando a garapa (caldo de cana) antes da destila-

gem e a cachaça pronta, com filtro de algodão, antes de ir ao alambique, “pra não entrar vinagre e azedar tudo”. Além disso, é preciso que a “branquinha” saia fria do destilador, para manter o gosto original e que seja bem armazenada. Os alambiques devem ser limpos e feitos de madeira resistente.

AGUADA - A qualidade da cana também é importante, pois quando é pequena e doce, exige mais fermentação, mas dá um produto final melhor. O engenheiro agrônomo José Salvador, extensionista da Epagri em Luís Alves, a capital catarinense da cachaça, explica que em períodos de muita chuva, a cana cresce e fica aguada. “Com muita água a cana fica menos doce



A família de Oswaldo Merkle faz cachaça desde 1930 e hoje vende a maior parte da produção aos turistas que passam pelo engenho

Rogério Kiefer/ZERO

e muito grande. Assim, o produtor pode deixar a garapa fermentando por menos tempo mas, tem um produto inferior e em menor quantidade”. A cana doce pode render até 200 litros de destilado para cada mil litros de garapa, enquanto com a mais aguada o produtor tira apenas a metade. Por isso, o melhor período de produção é o inverno, quando chove menos.

O produtor Eriço João Fleight aprendeu a fazer pinga com o pai e garante não temer a concorrência as grandes indústrias. Eriço afirma que a cachaça artesanal mantém bebedores cativos, principalmente por não ter conservantes, e ter um gosto melhor. Chega a produzir 200 litros num único dia e embora tenha diminuído suas vendas, acredita que no inverno elas melhorem. “As indústrias estão fazendo uma cachaça de menor qualidade e isto tem ajudado os produtores a manter seus compradores”, arremata.

“Seu” Oswaldo revela que conhece uma boa cachaça pelo cheiro e que atualmente a pinga vem piorando. Ele acredita que o excesso de produtos químicos, usados para aumentar o rendimento, tem feito as pessoas tomarem “um verdadeiro veneno”. Uma das formas de reconhecer a qualidade da pinga é chacoalhar a garrafa, a boa faz bolhas perto do gargalo. No entanto, alguns engarrafadores “batizam” a bebida com água para que ela renda mais e misturam soda para que continue borbulhando.

A cana não é o único produto que pode ser usado no feitiço da pinga. O mel e a banana também podem ser usados na produção. Segundo Oswaldo Merkle a de

mel, que é misturada com água e destilada cinco dias depois, é a melhor de todas por ser “mais suave”. Suave, é uma palavra estranha quando se fala em cachaça... O grau alcóico da bebida varia de até 60%, a primeira a sair do destilador e por isso conhecida como “de cabeça”, a 21%, chamada “água fraca”. Uma cerveja tem um teor alcóico pouco superior a 5%.

MISTURA - Oswaldo conta que depois de pronta, a pinga pode receber vários ingredientes para mudar seu sabor. “Muita coisa pode ser colocada junto no alambique, como por exemplo: cascas de laranja, cerne de pessegueiro, butiá, gengibre e outros produtos, dependendo do gosto de cada um”. Eriço Fleight diz que a madeira de que é feito o alambique também pode fazer diferença na qualidade da bebida. Uma madeira muito usada na construção dos barris é o arariba, por ser bastante resistente e durar algumas décadas. No entanto, ele assegura que a melhor “caninha” é a do alambique de carvalho. Depois de alguns anos “descansando” na madeira “a cachaça fica mais ‘nobre’, com cor de whisky e um sabor melhor do que as outras” completa, fazendo propaganda de seu produto.

A cachaça, certamente, é a bebida com o maior número de sinônimos que existe. Amansa-sogra, pé-de-briga, baixa-pau, leite-de-onça, chora menina, obrigação de pobre, martelada, suor de alambique e muitos outros. Mas, o bom bebedor sabe que em qualquer botequim basta encostar no balcão, levantar o dedo e dizer “me dá uma” que virá uma branquinha da boa. Z

Cada povo tem a pinga que merece

Todos os povos têm suas bebidas tradicionais. Os japoneses por exemplo, fermentam o arroz para fazer o saquê, os italianos a uva para o vinho. Antes do descobrimento, os habitantes da terra que viria a ser o Brasil usavam um fermentado em suas cerimônias religiosas. Eram os índios tupis, que preparavam sua bebida, o cauim, com mandioca e milho mastigados.

Mais tarde, com a chegada dos portugueses e o começo do ciclo da cana-de-açúcar foram trazidos muitos africanos para o trabalho escravo no país. Os negros também possuíam sua própria bebida, feita no seu continente. Não acharam os mesmos produtos no Brasil e começaram a produzir usando a rapadura e o bagaço de cana que tinham facilmente. Surgiu assim a cachaça no Brasil.

Os negros bebiam para se fortalecer e em suas cerimônias religiosas. Até hoje, toda sessão de terreiro que se preze usa cachaça para animar os espíritos. Essa crença é tão forte, que qualquer bebedor oferece um pouco de sua caninha “pro santo” de devoção antes do primeiro gole.

A bebida fez um sucesso tão grande, que em 13 de setembro de 1649 Portugal baixou uma provisão régia proibindo o consumo em todo o país. Achava que a cachaça poderia atrapalhar a colonização, deixando o povo desmotivado para o trabalho. Mas, como tudo que é bom não pode ser proibido, ninguém ligou para a nova lei e a branquinha continuou imbatível na preferência popular.



José Truda/Divulgação

Baleias à vista

Todos os anos, Santa Catarina transforma-se em berçário para as baleias francas, a segunda espécie mais ameaçada de extinção no mundo

por Daniela Queiroz e
Maria Augusta Carvalho

Entre maio e outubro, nosso litoral recebe dezenas de baleias francas. Saindo dos mares frios da Antártida, elas viajam até 3 mil km em busca de águas mais quentes e calmas para os seus futuros filhotes. Dos 4 mil cetáceos restantes dessa espécie, a grande maioria acaba encontrando na Península de Valdés, Argentina, condições favoráveis para o parto, mas algumas chegam até o litoral Sul do Brasil.

Denominada cientificamente *Eubalaena australis*, a baleia franca é assim conhecida popularmente por ser extremamente dócil e lenta - atinge no máximo 15 km/h - o que facilita muito a sua captura. Pode ser reconhecida pelo corpo todo negro, à exceção de uma mancha branca na barriga. Uma das características mais peculiares dessa espécie são as "verrugas" branco-amareladas na cabeça. Dilerem de animal para animal,

como se fossem impressões digitais, permitindo aos pesquisadores o estudo do seu processo de migrações. As baleias francas possuem a cauda muito larga, a nadadeira peitoral em forma de trapézio e o "esguicho" em forma de "V", bem visível quando respiram - na verdade é o ar quente que sai rápido dos pulmões, e não água. As baleias dessa espécie podem alcançar 18 metros de comprimento, e chegam a pesar cerca de 40 toneladas.

MIGRAÇÕES - Segundo o biólogo Paulo André Flores, do "Projeto Baleia Franca", o ciclo desse cetáceo está dividido em duas etapas: alimentação e reprodução, que influenciam diretamente nos processos de migração. Flores explica que durante o verão no hemisfério Sul, as baleias procuram os mares frios da Antártida, onde há "krill" em abundância, um crustáceo parecido com o camarão,

base da dieta das francas. Como não possuem dentes, mas sim barbatanas, elas nadam com a boca aberta, próximas à superfície, "filtrando" o seu alimento. O estômago de um animal adulto pode armazenar até 3 toneladas de alimento.

PROMISCUIDADE - Com a chegada do inverno, as baleias procuram águas mais quentes e calmas para a reprodução. A maior parte migra para a Península de Valdés, onde mais de 1.200 baleias já foram identificadas pelos padrões de calosidades na cabeça. Outras chegam até o Sul do Brasil. Durante seis meses elas quase não se alimentam. É um período dedicado somente ao processo de cópula e parto. A "promiscuidade" é uma das características reprodutivas dessa espécie. Vários machos tentam copular com uma só fêmea, que pode aceitar um pretendente ou rejeitar a todos. Para isso, ela dificulta a aproximação do

macho virando o ventre para cima. Mas acaba voltando à posição normal para respirar, ficando vulnerável à cópula.

Depois de um período de 9 a 12 meses, a baleia franca dá à luz a apenas um filhote, que já nasce com cerca de 5 metros. No momento do parto, a fêmea chega a se aproximar até 20 metros da praia. Na amamentação, não há um contato direto entre mãe e cria porque as glândulas mamárias dos cetáceos são internas. Com a contração dos músculos ao redor dessas glândulas, o leite é espirrado para fora. Pelo alto teor de gordura, o líquido não se dissolve na água, formando espécies de "bolos" dos quais o filhote se alimenta. O período de amamentação dura cerca de um ano, sendo que o filhote passa mais dois ou três anos com a mãe até que ela acasale novamente. Durante esse tempo, ele aprende a se alimentar e a realizar as migrações.

Turismo ecológico é opção de inverno

Baleias francas podem atrair turistas para o litoral catarinense e estimular a atividade durante a chamada baixa temporada

Há um ano, a baleia franca é considerada Monumento Natural de Santa Catarina. Único animal a receber tal classificação no estado, a proteção da espécie conta com o trabalho do "Projeto Baleia Franca", uma associação entre organizações não-governamentais (ONGs) estrangeiras e o governo do estado.

Criado em 1982, o projeto monitora a população de baleias francas no Sul do país, além de criar medidas de proteção e educar a população para a preservação da espécie, através de cartazes, folhetos explicativos e palestras em escolas. "As pessoas, em especial as crianças, têm sem mostrado muito receptivas e interessadas no nosso trabalho", confirma o biólogo Flores. Ele ainda prevê para este ano a instalação de

placas explicativas nos locais onde as baleias são avistadas na ilha.

Paralelamente a esse projeto, existe o Programa Baleia à Vista, que pretende aumentar o turismo no litoral catarinense incentivando a observação de baleias francas no inverno e assim acabar com a chamada "baixa temporada". Só na Península de Valdés, em 1993, o turismo ecológico gerou mais de US\$ 27 milhões para a Argentina. No Brasil, nesse mesmo ano, a observação de cetáceos rendeu US\$ 7 milhões, mas nem um centavo foi embolsado por Santa Catarina. No ano passado, 68 francas foram avistadas no estado, e estima-se para este ano um número ainda maior.

Paulo Crocchia, oceanólogo e um dos coordenadores do programa, explica que o turismo ecológico não irá prejudicar as baleias, já que a observação é feita por terra. Na Praia do Rosa, lugar de freqüentes avistagens, uma pousada construiu um mirante para facilitar

a observação aos turistas.

Mas já houve incidentes com curiosos que não se contentaram em ficar em terra firme, como um cinegrafista do SBT que levou um susto e foi parar na água depois de incomodar uma franca e seu filhote.

Crocchia também lembra a falta de fiscalização na Enseada dos Currais, próxima à Ilha de Anhatomirim. Todos os finais de semana e durante a temporada,

dezenas de embarcações invadem o local atrás dos golfinhos. "Já está comprovada uma alteração no comportamento dos animais com a aproximação dos barcos, da música alta e a própria gritaria dos turistas", diz o oceanólogo. Mas ele garante que com as francas será diferente, graças ao trabalho de conscientização que está sendo feito junto à população. (D.Q., M.A.C.)



Na época da sua reprodução, as baleias francas aproximam-se muito da costa, dando inúmeros saltos e exibindo a cauda característica

José Truda/Divulgação

Histórias de pescador

Por sua grande quantidade de gordura, que faz com que flutue depois de morta, e por sua docilidade, a baleia franca foi um dos primeiros e principais alvos da pesca artesanal desde o século 17. Acredita-se que eram encontradas desde Santa Catarina até a Bahia, existindo indícios de captura inclusive na Baía de Guanabara. Misturando-se o óleo com barro, cal de concha queimado e areia grossa, obtinha-se um cimento de ótima qualidade. O Forte de Anhatomirim, assim como a maior parte das casas açorianas da ilha, foi todo construído com esse material. Com as barbatanas faziam-se espartilhos, golas de camisa e agulhas. A carne servia para alimentação dos escravos e com os ossos era feita farinha para os animais. Somente no século passado, mais de 100 mil baleias francas foram mortas, reduzindo a população a níveis tão baixos que che- duvidar de uma possível recuperação.

Esperandio João dos Santos não gosta de falar da época quando caçava baleias. Esse pescador de 63 anos, nascido e criado na Praia da Armação, ao Sul da ilha, teme ser condenado por uma atitude na qual não enxerga crime algum. "Pescávamos cerca

de quatro ou cinco baleias por ano e até 1973 ninguém nunca falou em proibição", explica.

O velho pescador tem razão. Em 1946 foi colocada em vigor uma lei proibindo a pesca da baleia. Mas a matança continuou. Entre 1952 e 1973 cerca de 350 baleias francas foram mortas no litoral catarinense, quando só então a Armação de Imbituba, a mais ativa do estado, fechou suas portas em função do desaparecimento das suas presas.

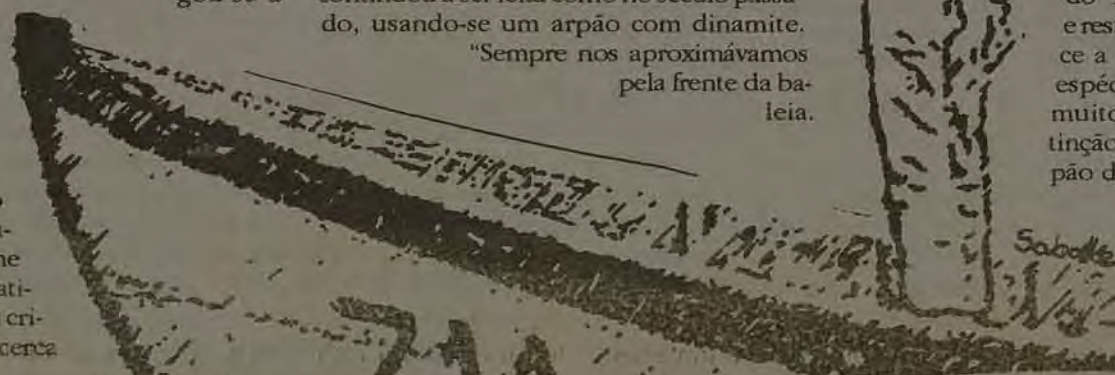
Segundo Esperandio, a única empresa de Florianópolis com condições de realizar a pesca baleeira era a "Pioneira", atualmente uma das maiores indústrias do setor. A partir do século 20, o óleo das francas passou a ser utilizado na conservação de couros e na produção de sabão. No entanto, a caça continuou a ser feita como no século passado, usando-se um arpão com dinamite.

"Sempre nos aproximávamos pela frente da baleia.

Então um de nós fincava o arpão", conta. A baleia tentava se livrar, mas depois de cinco minutos vinha a explosão. "As vezes tínhamos que esperar até 24 horas para a baleia boiar, mas não perdíamos o rastro graças ao óleo que ela ia soltando", lembra o pescador.

Já Aldo Correia de Souza, 56 anos, também pescador nativo da Armação, lembra que, quando garoto, pegava ossos de baleia para vender. "Havia uma cerca de ossos em toda a praia, construída ainda no tempo dos escravos", lembra Aldo.

Os pescadores não vêem com bons olhos o fato de Santa Catarina ser berçário natural das baleias francas. "Elas se aproximam demais e acabam levando e destruindo nossas redes", reclama Aldo. O pescador já viu os cartazes do "Projeto Baleia Franca" em bares e restaurantes da Armação, e reconhece a importância da preservação da espécie. No entanto, confessa estar muito mais preocupado com a extinção da pesca artesanal, seu ganha-pão de toda a vida. "Acho válido que haja gente lutando pela vida das baleias. Mas os pescadores artesanais também estão ameaçados e ninguém faz nada", diz o pescador.



Sabelle

Tudo se transforma

Reciclagem de lixo é uma das soluções mais baratas e ecológicas, mas ainda não é hábito dos brasileiros

por Fátima Pissarra

Papel, plástico, vidro, latas: você sabe o que estas coisas têm em comum? Todas são materiais recicláveis, quer dizer, materiais que se já utilizados, podem voltar para as indústrias e se transformarem em novos, preservando assim os recursos naturais. A atitude de separar o lixo é o primeiro passo para a manutenção da qualidade de vida do homem. Caminhões diferenciados passam semanalmente nos bairros fazendo a coleta, e sempre em horários diferentes dos caminhões que recolhem o lixo comum.

Aproximadamente 40% a 50% dos lixos domiciliares são recicláveis. Mas a maioria das casas ainda não separa o lixo. Em um dia normal são recolhidas cerca de 300 toneladas de lixo comum, contra 8 toneladas de lixo reciclável, um número que deveria girar em torno de 120 a 150 toneladas. "As pessoas ainda não estão conscientizadas da importância da reciclagem do lixo, mas mesmo que estivessem, não conseguiríamos organizar coleta

para tanto. A prefeitura não libera verbas e não possuímos tamanhos recursos. A falta de galpões para o armazenamento também é outro problema", esclarece César Brasil, gerente da divisão de destino final da Comcap.

Para separar o lixo é simples, primeiro o morador deve utilizar duas lixeiras: uma para papel, vidro, metal e plástico, e outra para o lixo sanitário, restos de cozinha, cascas de frutas e outros materiais. A segunda parte deve ser a entrega do lixo reciclável para o caminhão certo, verificando o dia em que ele passa pelo seu bairro (consulte o tele-reciclagem, fone 1529).

Chegando na Comcap, Companhia de Melhoramentos da Capital, o caminhão descarrega o lixo reciclável. Lá os funcionários dividem de acordo com as categorias. Os papéis são separados em cinco tipos: os jornais, os brancos (folhas de caderno, sulfite), o papelão e o papel cimento (sacos de cal, cimento). Os metais de alumínio e o ferro são separados de acordo com a espessura. Os plásticos se dividem em mais de três tipos: os finos (embalagens e sacolas), os plásticos pet (garrafas de refrigerante) e os grossos (garrafas de água). Depois de separado, é hora de prensar o lixo em máquinas especializadas.

A partir daí tudo tem um desti-



Até 50% do lixo doméstico pode ser reciclado através do sistema de coleta seletiva

Maria Augusta Carvalho/ZERO

no certo. Através ou não de intermediários (sucateiros), todo o material é vendido para as indústrias, que se encarregam de reciclar, tornando tudo novo, pronto para ser utilizado por nós, e no final ser reciclado novamente.

QUALIDADE DE VIDA - As consequências de todo este ciclo de reciclagem são inúmeras. A diminuição de áreas usadas para aterros sanitários, redução da poluição no ar, solo e água, maiores espaços para habitação e lazer, diminuição de doenças e economia de energia e de recursos naturais não-

renováveis são algumas delas. Melhoramentos ambientais que com certeza não conseguiriam ser adquiridos sem a reciclagem.

Países do primeiro mundo fazem a coleta seletiva de lixo de maneira bem mais complicada que a nossa. Mesmo assim quase 90% da população destes países já aderiu à prática, enquanto que no Brasil menos de 20% sabe o que é o lixo reciclável. Em Florianópolis, o condomínio Granville separa o lixo há dois anos e a prefeitura tem um programa que ajuda a implantação e manutenção de lixeiras especiais nos prédios. **Z**

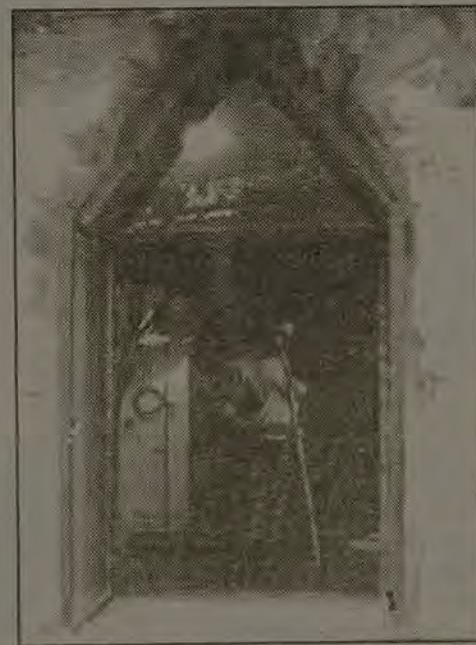
A ARTE DA SUCATA

Lixo é o objeto de criação de um artista plástico da capital

por Cláudio Narciso

Sábado à tarde é dia de descanso obrigatório para quase todo mundo, mas no atelier de José Alvim ("Mano" para os amigos) é o dia mais frenético. Ele dá aulas de teatro no Colégio de Aplicação e só nos fins de semana tem tempo para se dedicar mais intensamente à criação artística. É difícil explicar, até para sua esposa, o porquê de passar ali todo o seu tempo livre. Mas este é o lugar onde sente estar passando o tempo da forma mais produtiva, ou seja, fazendo arte.

Pintando e reciclando objetos, criou um universo próprio. Grossas paredes de pedra, retiradas do próprio local, nos separam do mundo exterior. As saliências e a cor da rocha lembram a massa cinzenta, e parecemos estar dentro de uma gruta ou dentro do cérebro, do inconsciente do artista. As obras são os seus pensamentos materializados.



O sax-cano é mais um dos instrumentos reciclados de José Alvim

Marina Moura/ZERO

Quadros nas paredes, e no chão, um tapete-quadro. Instrumentos musicais exóticos, pelos cantos, ou pendendo do teto. Tudo criado a partir de sucata! Exceto os quadros. Os móveis também foram lixo um dia, mas ganharam novas cores e uma nova vida. Nenhum aparelho eletrônico à vista. O som ambiente é a melodia do riacho que passa ao lado, muito relaxante, mas cuja água

talvez já esteja poluída. Outra opção de música são os instrumentos musicais criados a partir da sucata.

MÚSICA - Um canto do atelier é reservado para os instrumentos de percussão. O que primeiro nos chama a atenção são os "tambores-cano": grossos tubos de PVC, cortados em diversos tamanhos, com uma das extremidades recobertas com pele de bateria. Juntando o tambor-cano com velhos pratos esmaltados e partes de uma bateria comum, criou-se o "tambor-cano-mano". Menor mas muito chamativo é o "tambor-i-lata": um pé de mesa metálico, de cabeça para baixo, com latas de vários tamanhos amarrados em volta. O "tambor-cômoda" era um móvel antigo, que com o tampo traseiro recortado virou instrumento de percussão.

Na seção de sopros sou apresentado ao "sax-chaleiro-cano", que une um bocal de saxofone, um tubo PVC e uma chaleira velha. O "sax-o-cano" é bem maior, tem cerca de um metro e meio de comprimento e no lugar da chaleira uma caixa de gramofone, para fazer o som reverberar.

Os objetos são unidos uns aos outros com fita adesiva e pedaços de pano

velhos com cola. Depois são pintados com tinta acrílica e se tornam objetos de grande expressão cênica.

Antes José Alvim reciclava plásticos, derretendo-os com um maçarico para criar esculturas. Mas desta fase só restou ali uma obra de cerca de 30 centímetros de altura e muitas garrafas plásticas de água mineral e refrigerante, que ele continua colecionando, para no futuro dar-lhes nova vida.

IDÉIAS REICLÁVEIS - Pintar quadros é a parte mais rentável da obra de José Alvim e para manter uma "respeitabilidade" ele utiliza tela e tintas como todo pintor. Mas os temas dos quadros como que se repetem em variações, reciclagens da mesma idéia. Rostos humanos que me parecem familiares. Um destes, presente em vários quadros, foi (re)aproveitado de esboços feitos por um garoto portador da Síndrome de Down.

Mano desenvolve um trabalho com deficientes e considera esta uma de suas atividades mais prazerosas. E filosofia: "A sociedade capitalista só valoriza aqueles que se enquadram em estereótipos pré-determinados, de conduta, beleza, performance física e intelectual, os que não se enquadram são descartáveis. Mas tudo é reaproveitável". **Z**

Vacina natural

Por garantir a saúde da mãe e do bebê, o leite materno retoma lugar de destaque na alimentação durante os primeiros meses de vida

por Michelle Araújo e Luciana Gimenes

Ao contrário do que se pensa, o leite materno deve ser a única fonte de alimento do bebê até o sexto mês de vida. O ideal é que a amamentação se estenda até dois anos de idade, alternada com outros alimentos. De acordo com a enfermeira-chefe do Banco de Leite Humano da Maternidade Carmela Dutra, Evangelia dos Santos, 98% das crianças deixam a maternidade sendo amamentadas. Apenas 6% chegam até o sexto mês mamando só no peito.

Além de ser o mais completo alimento para o bebê, o leite materno age como primeira imunização, protegendo-o contra diversos males, como a desnutrição, a diarreia, infecções respiratórias e doenças às quais a mãe já tenha sido exposta. "O contato do bebê com a mãe transmite segurança e tranquilidade, fatores importantes para a formação de uma personalidade sadia", explica Evangelia.

Ao amamentar, a mulher reduz os riscos de contrair anemia, câncer de mama e de ovário, he-

morragias pós-parto, osteoporose e esclerose múltipla após a menopausa, além de facilitar a volta do útero ao normal após o parto. "Amamentar é um processo biológico que envolve a mulher física, psíquica e culturalmente", analisa Evangelia.

MAMADEIRA - Biologicamente, toda mulher é capaz de produzir leite, mas pode ser impedida por alguns fatores, como problemas emocionais. O desconhecimento de processos alternativos e vantagens da amamentação e o alojamento separando mães e filhos nos hospitais, também contribuem para o desmame.

Na década de 70 surgiu o leite em pó e o seu consumo contribuiu para o desmame precoce. O marketing dos produtos substitutos do leite materno teve tanta influência, que até hoje muitas mulheres pensam que seu leite "é fraco", insuficiente para suprir as necessidades da criança.

AMIGO DA CRIANÇA - Recentemente a Maternidade Carmela Dutra, em Florianópolis, recebeu o título de *Hospital Amigo da Criança*, concedido pela Fundação das Nações Unidas Para a Infância - Unicef - e pela Organização Mundial de Saúde - OMS. A iniciativa foi criada em 1990, para homenagear as maternidades que prestam assistência às mães e recém-nasci-



O leite materno garante imunidade à desnutrição, diarreia, infecções respiratórias e doenças as quais a mãe já tenha sido exposta

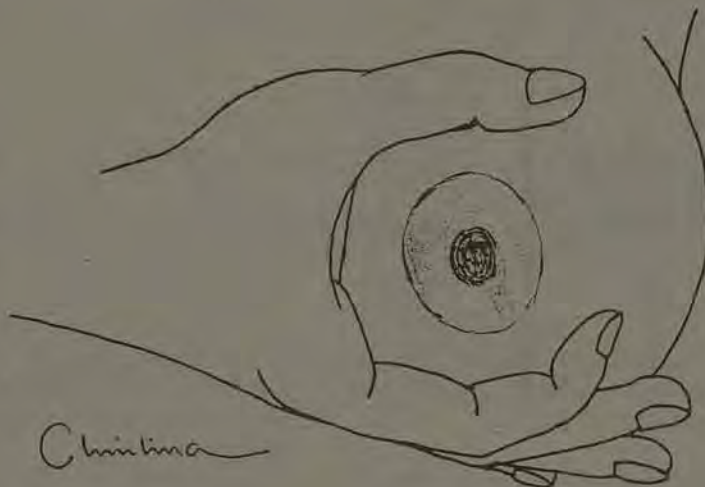
SAÚDE

A importância da extração

A retirada manual do leite é indicada não só em casos de doação. Mulheres com engurgitamento mamário (mama empedrada), mastite ou fissuras - acompanhadas de sangramento e dor intensa - devem retirar seu leite para amenizar o problema. Para mães que precisam se afastar de seus filhos - no caso de prematuros ou se elas trabalham fora - a extração é uma boa alternativa.

Para a retirada manual do leite, é importante que as mãos e unhas estejam limpas e que a mãe esteja numa posição confortável. O ambiente deve ser tranquilo e sem conversas, evitando a contaminação pela saliva

O leite deve ser aquecido em banho-maria, sem ferver. É importante que ele seja servido em xícara, copinho ou colherinha, pois o bico da mamadeira pode confundir a sucção da criança e facilitar a contaminação por bactérias.



Para retirar o leite

- 1) Colocar o dedo polegar e indicador em forma de um "C" sobre a aréola, com o polegar acima do mamilo e o indicador, abaixo.
- 2) Depois, fazer pressão para dentro em direção ao tórax, apertando firme todos os reservatórios de leite localizados sob a aréola.

dos. Quando a instituição atinge os níveis de exigência, recebe em solenidade oficial uma placa com o título *Hospital Amigo da Criança*.

EXTRAÇÃO - Em 1979, o Banco de Leite Humano da Maternidade Carmela Dutra foi ativado com o objetivo de coletar leite de mães que o produzem em excesso. O líquido coletado serve para a alimentação de recém-nascidos que permanecem internados na maternidade por serem prematuros, apresentarem peso abaixo do normal, ou sofrerem algum tipo de doença ou alergia. Evangelia acredita que há mães que não conseguem amamentar seus filhos e não comunicam o fato ao banco de leite. "Elas se sentem incompetentes e não aceitam que seus filhos recebam leite de outra", explica.

As coletas são feitas em mães cadastradas, de segunda a sexta-feira, das oito horas ao meio-dia. Além das devidas explicações sobre a extração e o armazenamento, elas recebem os recipientes esterilizados, onde o leite deve ser coletado.

Todo leite passa pela sorologia e pelo processo de pasteurização. Ainda que esse processo elimine qualquer elemento patogênico, se houver caso de HIV positivo, o leite é descartado. Além disso, a mãe é desencorajada a amamentar, já que corre o risco de transmitir o vírus para a criança.

ZERO

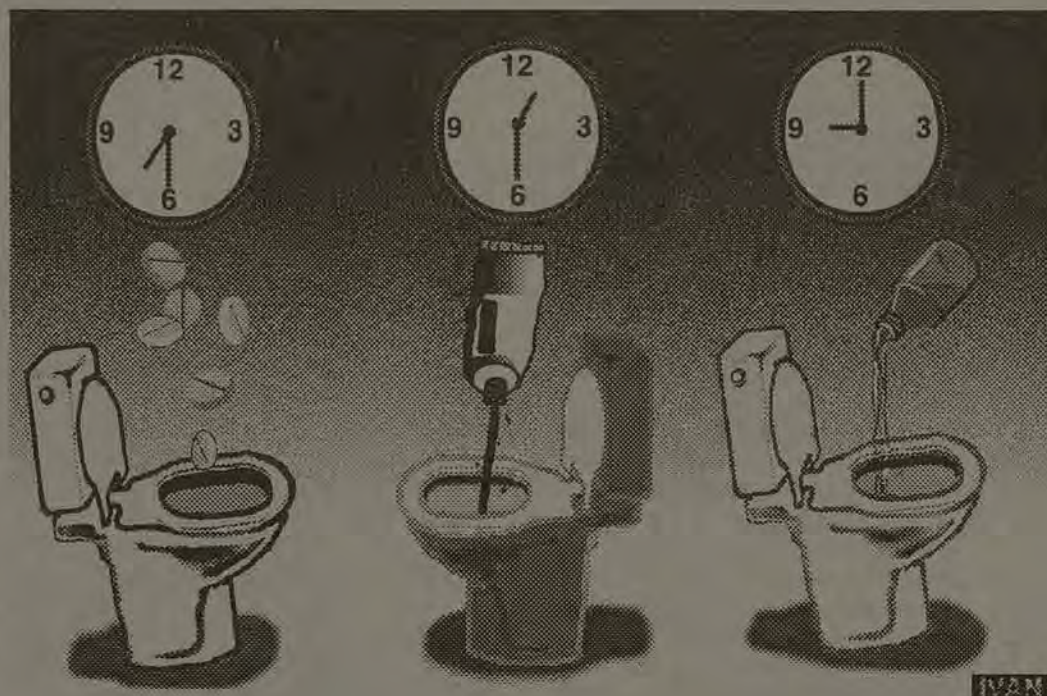
Alívio perigoso

Laxantes usados no combate à prisão de ventre podem mascarar doença mais grave

por Michele Nadir de Oliveira

O consumo indiscriminado de laxantes pode esconder um problema grave, o câncer de intestino, já que dificulta o diagnóstico precoce. "As pessoas só procuram um médico quando apresentam sangue nas fezes", diz o especialista em Proctologia Felipe Felício. Só no ano passado foram registrados 21.790 casos de câncer no Brasil, com 5.050 mortes. Normalmente os laxantes são usados por pessoas que sofrem de constipação intestinal, mais conhecida como prisão de ventre.

Todo ano os americanos gastam US\$ 725 milhões com o remédio. Esse medicamento, segundo Felício, só deveria ser vendido com prescrição médica. "Mesmo assim, os laxantes são indicados apenas como último recurso à prisão de ventre". No entanto, nas farmácias têm-se livre acesso ao produto, desde os mais fortes, como o Lactopurga, até os mais leves, à base de frutas como ameixa preta.



VÍCIO- Já se sabe que a ingestão descontrolada de laxantes pode levar à dependência, condicionando o intestino a funcionar apenas quando estimulado pelo remédio. Esse é o caso da estudante de Economia C.F.G., de 20 anos. "Às vezes fico sem evacuar durante uma semana, e depois só consigo ir ao banheiro com remédios". Ela afirma ter experimentado todos os tipos, desde Lactopurga, até o conhecido Complexo 46 Almeida Prado. "Hoje preciso mudar de produto constantemente. Meu organismo

está acostumado". Os laxantes provocam uma espécie de alergia nas paredes do intestino, aumentando as contrações na tentativa de espremer o bolo fecal. O resultado é a diarreia e uma possível desidratação. Um dos sintomas mais comuns para quem toma laxante é a cólica, podendo aparecer também fissuras (tipo de úlcera), abscessos (bola com pus) e feridas anais.

O PROBLEMA- Irritabilidade, desconforto abdominal, sensação de inchaço e

em alguns casos, dor de cabeça. A constipação intestinal, que atinge de 20% a 40% da população mundial, aparece toda vez que o relógio biológico é alterado. Cada pessoa funciona a um ritmo próprio, mas, como regra geral, deve-se evacuar de três vezes ao dia a três vezes por semana. Se o intestino teve o seu ritmo alterado de repente, é melhor ficar alerta.

A causa mais comum da prisão de ventre é a própria alimentação. Deve-se observar se frutas, verduras e cereais, ricos em fibras, não

Alimentação adequada é o melhor remédio

Uma dieta equilibrada é sinônimo de diversidade. Um pouco de carnes, frutas, legumes, massas, verduras e até mesmo doces. A água também precisa estar presente já que hidrata o corpo e ajuda no bom funcionamento do intestino. Deve-se tentar ingerir pelo menos 12 gramas de fibras por dia, o que equivale a uma banana, uma fatia de pão integral, uma maçã e meio copo de arroz integral. Pesquisas comprovam que uma dieta à base de carnes brancas e fibras é útil para evitar o câncer de intestino.

Também há no mercado uma infinidade de produtos naturais que ajudam a regular o intestino. Os mais procurados são as geléias, óleos e os umectantes que não levam à dependência.

estão sendo substituídos por doces e massas, que dificultam a formação do bolo fecal. Mas se essa hipótese for descartada, deve-se procurar um médico, principalmente pessoas com mais de quarenta anos. Afinal, a prisão de ventre é o primeiro sinal de um problema mais sério, o câncer de intestino. **Z**

Farmácias estabelecimentos comerciais ou serviços de interesse público?

por Andrea Marques

O papel do farmacêutico na nossa sociedade é colocado em questão pelo projeto de lei da senadora Marluce Pinto, já aprovado no Senado e aguardando votação no Congresso. A polêmica em torno do projeto está no fato de que ele modificará a lei vigente nº 5991/73, que obriga farmácias e drogarias a manterem, durante todo o seu horário de funcionamento, pelo menos um farmacêutico graduado em plantão.

A senadora defende em seu projeto que os oficiais ou auxiliares de farmácia, portadores de diploma de curso profissionalizante de 2º grau, podem substituir os farmacêuticos graduados nas farmácias ou drogarias,

o que tornaria a figura desse profissional dispensável nesses estabelecimentos.

ABAIXO-ASSINADO - Os sindicatos dos farmacêuticos de todo o país e os estudantes de Farmácia das universidades estão colhendo assinaturas contra o projeto de lei. Eles criticam a senadora Marluce Pinto por considerar em seu projeto o medicamento como um bem qualquer a serviço do lucro máximo, além de classificar os estabelecimentos farmacêuticos como uma atividade meramente comercial, desconsiderando sua relação com o sistema de saúde. Para os sindicatos, o farma-

cêutico exerce uma função indispensável junto à comunidade, pois está preparado para informar sobre o uso, cuidados e importância dos medicamentos, controlar a qualidade das drogas e acompanhar as reações clínicas e adversas.

A pergunta é: o balconista está habilitado para oferecer orientação necessária aos usuários? Marcelo Conti, farmacêutico e proprietário da Farmácia Trindade, é contra o projeto de lei, mas admite que dependendo do tempo de prática o balconista pode até substituir o farmacêutico. Na sua opinião os estudantes de Farmácia precisam de mais prática, só teoria não basta.

AUTOMEDICAÇÃO - Mas todos os farmacêuticos entrevistados concordam num ponto. O projeto da senadora só vai agravar ainda mais o problema da saúde no Brasil. "O brasileiro é muito influenciável pelas propagandas dos laboratórios, além de ter o hábito de se automedicar", explica Wilson Rodrigues, farmacêutico da Farmaketty. Sem a presença de uma pessoa responsável nas farmácias aumentariam os riscos de intoxicação por excesso ou uso inadequado de medicamentos. Rodrigo Rezende, farmacêutico, radicaliza e prevê que com a aprovação do projeto de lei as farmácias vão virar lojas self-service, "escolheu, pagou e levou..." **Z**

A imprensa sem lei

Na opinião do jornalista Daniel Herz, os abusos devem ser inibidos e os crimes punidos na nova legislação

por Alex Cunha

Geradora de uma confusa polêmica entre os setores interessados e pouca coação na sociedade em geral, a Lei de Imprensa Brasileira tem tudo para ser aprovada ainda este semestre, ou não. A possibilidade dos donos das empresas jornalísticas desembolsarem até 20% de seu faturamento bruto cada vez que ofenderem a reputação de alguém é fato que remove montanhas no sentido contrário. Em toda a discussão criou-se um paradoxo: de os meios de comunicação serem essenciais para uma democracia plena e de não haver democracia plena enquanto persistir a conduta ditatorial da mídia. Outro ponto controverso é a instituição de prisão de jornalista por crime de opinião, pena inédita em regimes democráticos. Aliás, os profissionais da comunicação em todo o mundo civilizado agem sob tutela da empresa que os contrata, qualquer responsabilidade legal é assumida pelo veículo de comunicação e não pelo jornalista.

Ano passado realizou-se uma negociação entre o Fórum Nacional pela Democratização dos Meios de Comunicação e os empresários do ramo. Foram acertados pontos como a agilização do direito de resposta, o estabelecimento de garantias contra o cerceamento da publicação de matéria paga; a instalação, pelos veículos, de serviços de atendimento ao público que vão possibilitar que cidadãos e entidades apresentem demandas em caráter extrajudicial; o direito de recusa de assinatura de matérias por profissionais que identifiquem adulterações no seu trabalho, introduzidas no processo editorial; a introdução do instituto da pluralidade de versão, possibilitando que uma parte que tenha relevante participação em fato noticiado e não tenha sido ouvida possa exercer o direito, inclusive por via judicial. Estes pontos foram considerados pela Comissão de Comunicação da Câmara e colocados ao lado dos polêmicos de cobrança de multa e prisão, que estão na redação do projeto da nova lei. Daniel Herz, coordenador geral do

Fórum traz nesta entrevista alguns dados que direcionam este jogo, mas que não aparecem no noticiário.

ZERO - A cobrança de multa comprometeria a independência dos veículos?

Herz - Nós acreditamos que os abusos devem ser inibidos e os crimes punidos. Mas a introdução de um valor extremamente elevado como pena de multa poderá fazer com que este expediente seja utilizado politicamente até contra veículos que não têm como função primordial a atividade comercial. Então nós achamos que a multa tem que ser suficientemente elevada para inibir abusos e coibir impunidade, mas não pode ser exorbitante a ponto de ser utilizada como instrumento destinado a quebrar veículos.

ZERO - E os jornalistas que abusarem, também devem ser multados?

Herz - Sim, nós não queremos criar para nenhuma parte garantia de impunidade ou facilidade da prática do abuso. Achamos que a multa para jornalistas associada a penas como de prestação de trabalhos comunitários é uma forma mais adequada que a privação de liberdade. Até pelas características do

sistema penitenciário brasileiro. Dificilmente um juiz manda um autor de um delito de opinião para a cadeia. Portanto, a introdução da pena de prestação de serviços comunitários ou de multas significativas para os jornalistas é uma condição de se punir aqueles que cometem crimes e que abusam do direito de liberdade de expressão.

ZERO - Esta foi uma alternativa proposta pelo Fórum?

Herz - O Fórum propôs que fosse abolida a pena de prisão, inclusive porque esta é uma tendência mundial para este tipo de crime. E isso não tem nada a ver com a criação de impunidade para profissionais de comunicação ou inclusive para jornalistas. Nós achamos que uma penalidade financeira e de prestação de serviços comunitários acabará sendo mais efetiva porque tem mais condições de ser aplicada pelos juizes do que a de privação da liberdade.

ZERO - Por que a aprovação da Lei de Imprensa está demorando tanto, já que tramita no Congresso desde 88?

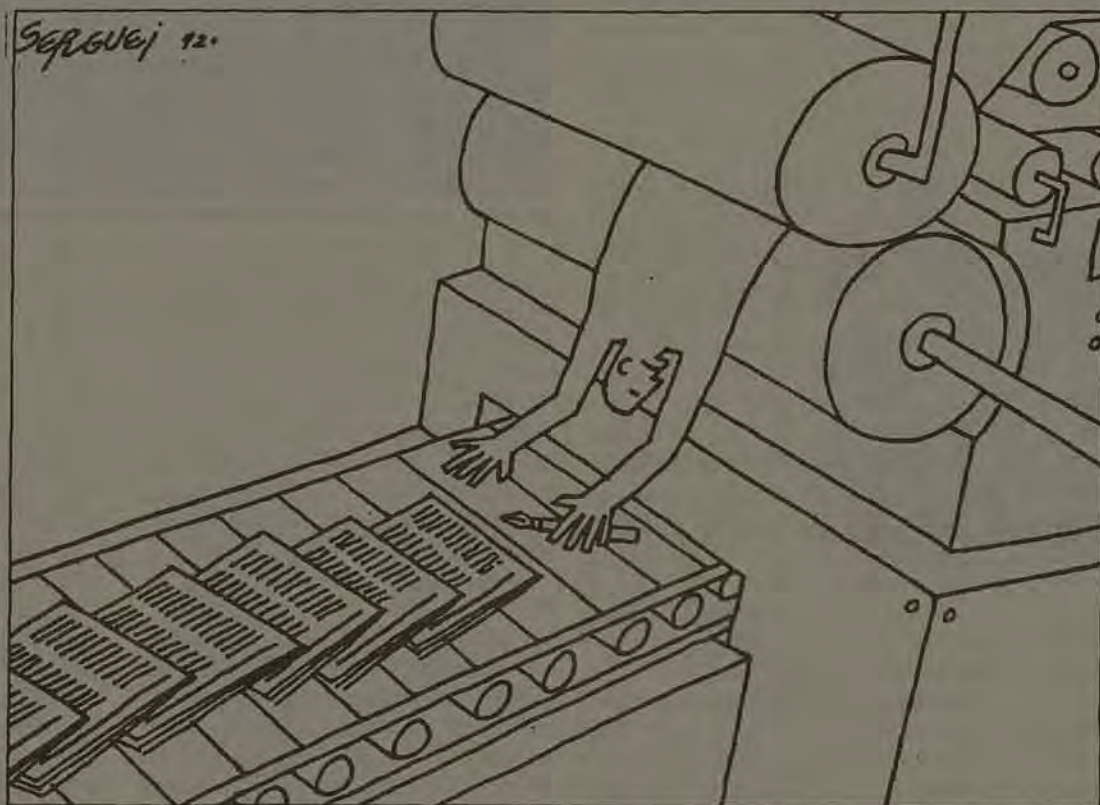
Herz - Estão envolvidos na aprovação da Lei de Imprensa interesses de veículos de comunicação que, de um modo geral, preferem a inexistência

de uma regulamentação nessa área e uma condição de operar impunemente à prática de todo tipo de abuso que nós temos verificado, especialmente ao longo desses anos. É na medida que existe uma desproporção entre a condição da sociedade se defender desses abusos e a impunidade que desfrutam as empresas de comunicação, muitas vezes se refugiando na atuação criminosa de determinados profissionais, essa liberdade que beneficia apenas às empresas vêm sendo defendida como algo que deve ser mantido e portanto daí as resistências muito grandes à aprovação de uma Lei de Imprensa. O empresariado de comunicação defende a inexistência da lei mostrando sua dificuldade de conviver com a democracia, apesar de ter fechado um acordo com os setores da sociedade que se mobilizam em defesa da democratização da comunicação - reunidos no Fórum. Os meios de comunicação não debatem comunicação. Então ao colocar em debate a Lei de Imprensa, não defendem-na com todas as vozes que ela contém. Usam a cobertura da sua tramitação para atacá-la e evitar aquilo que eles (os empresários) mais temem, que é uma multa excessiva. Não se limitaram a defender posições contrárias à multa excessiva, e fizeram e estão fazendo uma verdadeira campanha contra a existência da lei, dizendo, por exemplo, que a melhor Lei de Imprensa é aquela que não existe.

ZERO - Num ano eleitoral, qual é a importância de uma lei, que apresenta estas características, já estar em vigor?

Herz - Qualquer um pode perceber por que o empresariado de comunicação está resistente neste momento a uma Lei de Imprensa. É que os processos eleitorais têm servido de palco a uma atuação irresponsável e criminosa em que os veículos desmontam reputações, atacam pessoas, adotam práticas manipulatórias, falsificam fatos e se comete todo o tipo de delito para defender determinados interesses eleitorais. O empresariado está agindo, fazendo todo o esforço possível para evitar que o Congresso

aprove ainda este ano a lei, e especialmente que ela seja aprovada antes do processo eleitoral. O Fórum está defendendo que o Congresso não se dobre a estas pressões e mais do que nunca, inclusive pelo que se verificou nas últimas eleições. Nós achamos que o Brasil precisa com a máxima urgência da lei. Não podemos passar um novo processo eleitoral sem uma Lei de Imprensa aprovada neste país. **Z**



“Qualquer um pode perceber por que o empresariado de comunicação está resistente neste momento a uma Lei de Imprensa. Os processos eleitorais têm servido de palco a uma atuação irresponsável e criminosa em que os veículos desmontam reputações, atacam pessoas, adotam práticas manipulatórias, falsificam fatos e se comete todo o tipo de delito para defender determinados interesses eleitorais.”

Daniel Herz, coordenador do Fórum Nacional pela Democratização dos Meios de Comunicação

as Rádios Livres estão no ar

A lei permite, mas na prática as milhares de rádios comunitárias espalhadas pelos quatro cantos do Brasil podem ser interditas pelo Dentel



por Maurício Giraldi

Um curso de montagem de rádios livres, realizado clandestinamente em maio na cidade de Itajaí, reuniu mais de 40 representantes de rádios livres, além de estudantes de jornalismo de quatro cursos de comunicação. O encontro foi clandestino porque, apesar da disposição do governo federal de regulamentar as rádios e tevês livres e comunitárias, o Departamento Nacional de Telecomunicações - Dentel - de Santa Catarina, em maio, fechou e apreendeu os equipamentos da Rádio Liberdade FM, em São Bento do Sul. Um fotógrafo do Diário Catarinense Norte, que acompanhou a operação, foi proibido de fotografar, sob ameaça de ter seu filme apreendido. Em abril, num programa de televisão ao vivo, o representante do Dentel ameaçou prender o responsável

pela Rádio Comunitária do Sul da Ilha, em Florianópolis, que foi retirada do ar. O movimento pela democratização da radiodifusão livre está crescendo, em Santa Catarina e em todo o país. Segundo a Associação Nacional das Rádios Livres e Comunitárias, existem no país mais de três mil rádios em funcionamento e este número cresce a cada mês. E a organização atual não lembra, nem de longe, as

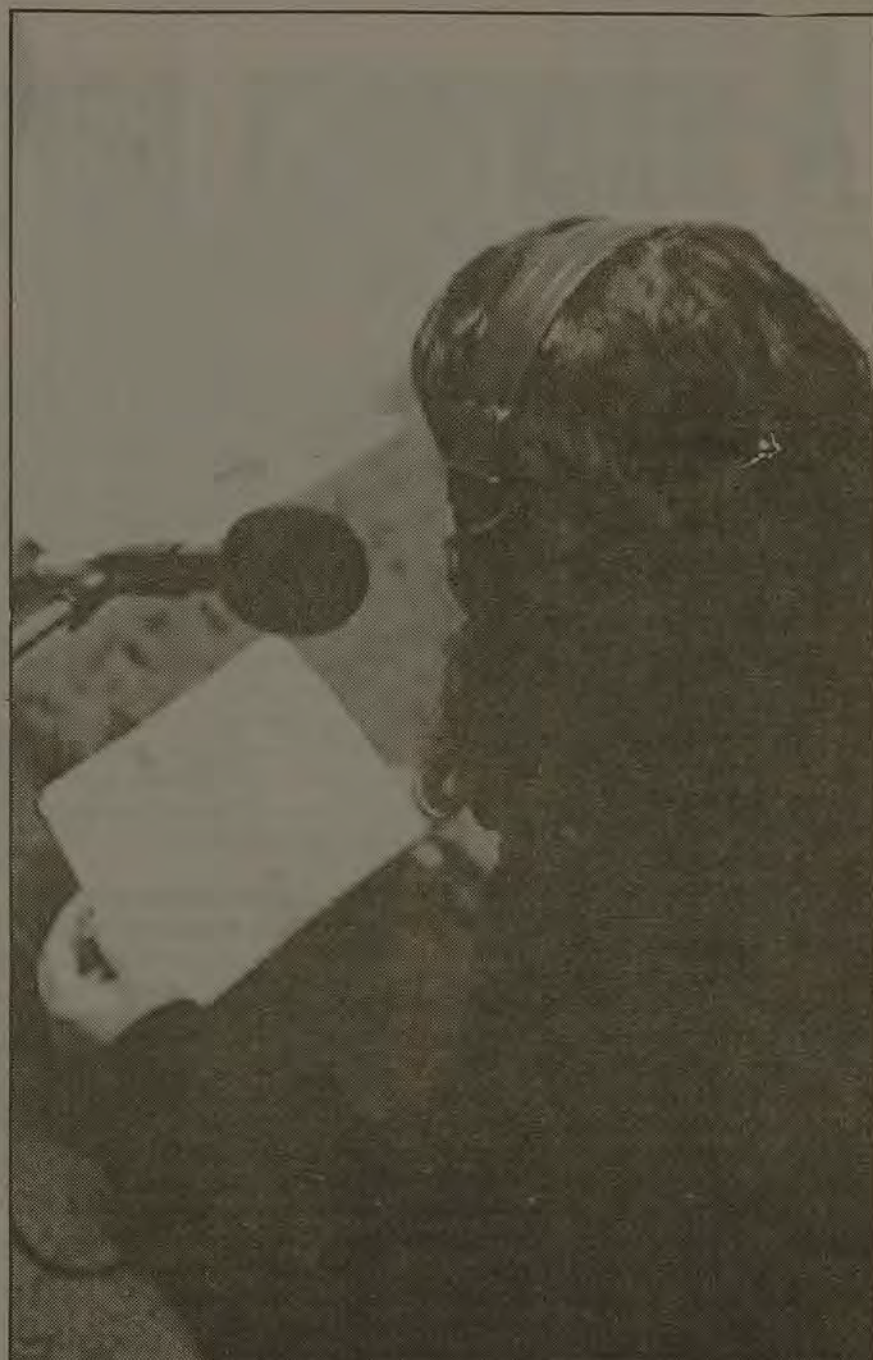
antigas "rádios piratas" que surgiram pela Europa, nas décadas de 60 e 70 e nos anos oitenta, no Brasil.

O curso foi ministrado por um técnico, que trabalha numa rádio comunitária paulistana há mais de 15 anos. Ele monta e instala transmissores por todo o país e desde o início do ano passado, monta em média uma rádio a cada dois dias. "Temos que conquistar na prática o espaço radiofônico. Em São Paulo não só rádios estão surgindo, como também existem quatro estações de tevê e outras três estão sendo montadas", disse ele.

PERFIL - "Quem está operando ou organizando rádios livres e comunitárias não são jovens desmiolados, estudantes, anarquistas ou os 'doidões' da década de 70", diz um operador de uma rádio livre, do Sul de Santa Catarina. Hoje são estudantes, lideranças comunitárias, sindicalistas, militantes dos movimentos organizados da sociedade,

além de radialistas profissionais, radioamantes, e de pastores de igrejas evangélicas, de praticamente todas as grandes cidades. E o argumento de todos é parecido: não possuem espaço nas rádios comerciais. Além disso, o preço dos equipamentos tornou-se mais acessível (veja o box).

Mesmo assim, nem todos possuem todo esse dinheiro. A saída é a criatividade e a solidariedade. Todos os projetos surgiram coletivamente, envolvendo na produção, administração e operação, de cinco a 50 pessoas. O processo, desde a organização até a entrada no ar, pode levar até um ano. "Desde o começo, é incrível a quantidade de



Hoje as rádios comunitárias são operadas por estudantes, lideranças comunitárias, sindicalistas e lideranças populares organizadas. Renzo Viggiano/ZERO

discos e equipamentos que foram doados. Mas é difícil trabalhar coletivamente, nossa sociedade é muito individualista", afirma um estudante de Jornalismo. "Além disso, o currículo do curso é falho, não aprendemos nada de instalação e operação de equipamentos", opina. A maior dificuldade de todos é com a instalação do equipamento.

COMUNITÁRIAS - Como a maioria das rádios "catarinas" é comunitária, a programação sempre envolve as pessoas, os músicos, os artistas e os cientistas da vila ou cidade. "Nossa rádio só 'pegou' por que ouvimos a comunidade, o ouvinte telefona, vai ao estúdio, participa. Isso as rádios comerciais não fazem", conta Valmir*. Ele opera uma rádio no Oeste do estado, há um ano, com mais seis pessoas.

A manutenção das rádios é feita por contribuições em dinheiro dos operadores, programadores e ouvintes, e por anúncios de pequenos anunciantes locais, além do apoio cultural de empresas. É consenso que para manter a independência, e preservar o caráter regional das rádios, os anúncios de grandes empresas são vetados. Por este mesmo motivo, as rádios livres e comunitárias procuram se manter longe dos políticos e dos partidos.

Mas, segundo um operador da Rádio XI de Agosto, dos estudantes do curso de Direito da USP, "há muitas rádios que se denominam comunitárias e são, na verdade, comerciais. Cerca de 80% das rádios livres que estão surgindo atualmente são ligadas a alguma igreja evangélica ou a candidatos conservadores", argumenta. **Z**



*Todos os nomes desta matéria foram alterados, por questão de segurança das fontes. Pelo mesmo motivo, não foram citados nomes de cidades ou instituições.

Como montar uma estação

A montagem de um transmissor sai por R\$300, comprando-se as peças na rua Santa Efigênia, região tradicional do Centro de São Paulo, que concentra o comércio de peças eletroeletrônicas. Um equipamento transmissor, se for comprado na fábrica, também em São Paulo, sai por R\$ 1,2 mil. Na antena, no estúdio, e na instalação, gasta-se entre R\$ 5 e R\$ 10 mil, dependendo da complexidade do material.



1 antena de cabo coaxial



1 ou 2 toca-fitas



2 Cds players



1 mesa de som (mínimo de 6 canais)



1 ou 2 toca-discos



2 ou 3 microfones (de boa qualidade)



2 caixas acústicas



1 mesa mixer (processador de linhas)



1 transmissor



1 sintonizador FM para o retorno (pode ser walkman)

O que Diz a lei



A partir da Constituição de 88, a permissão para a radiodifusão é uma concessão pública, fornecida pelo Congresso Nacional, dependendo da aprovação do presidente da República. Entre as exigências para os candidatos a uma concessão, é necessário apresentar um "atestado de solidez financeira", emitido por um banco. Ou seja, para possuir uma concessão de rádio ou televisão, a lei exige que o candidato seja da classe dominante. Os concessionários nada pagam pela concessão, mas o Brasil é o único país do mundo onde se vende livremente, sem nenhum controle, emissoras, repetidoras ou redes de rádio e de televisão.

A lei não permite acumular mais de quatro concessões de tevê ou rádio, mas é fácil burlá-la, registrando-as em nome de parentes, ou "testas de ferro". Tais negócios podem envolver somas milionárias, como a compra da TV Record pelo bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, ou a da rede OM, da família Martinez, do Paraná.

Durante e após a ditadura mili-

tar os presidentes distribuíram as concessões a apadrinhados políticos e favoreceram grupos econômicos, em troca de apoio político-eleitoral. Isso permitiu a criação de um grande monopólio na área de comunicação, onde apenas nove famílias controlam as telecomunicações do país. Outra distorção, foi que essas redes foram usadas para criar fortunas bilionárias, como as de Silvio Santos, ou da família Marinho, sem pagar ao Estado pelo uso da concessão, além do poder político que o controle de uma rede permite.

Apesar da atual lei permitir a apreensão do equipamento e até o risco de cadeia para os que operarem rádios livres, desde o governo Itamar Franco, o Dentel não tem feito o rastreamento. Ele só atua no caso de denúncias de interferências causadas em aparelhos de tevê, por transmissores "desautorizados". Além disso, um julgamento absolveu, em 1990, uma rádio livre, criando um precedente jurídico.

O projeto de lei que regulamenta a radiodifusão livre e comunitária, de autoria do deputado federal Arnaldo Faria de Sá (PPB/SP), tra-

mita no Congresso Nacional desde o ano passado. É baseado na proposta do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, que foi discutida por um ano por representantes de estudantes de comunicação, dos sindicatos dos jornalistas, da Associação Nacional de Rádios Livres e Comunitárias e da comissão criada pelo governo FHC

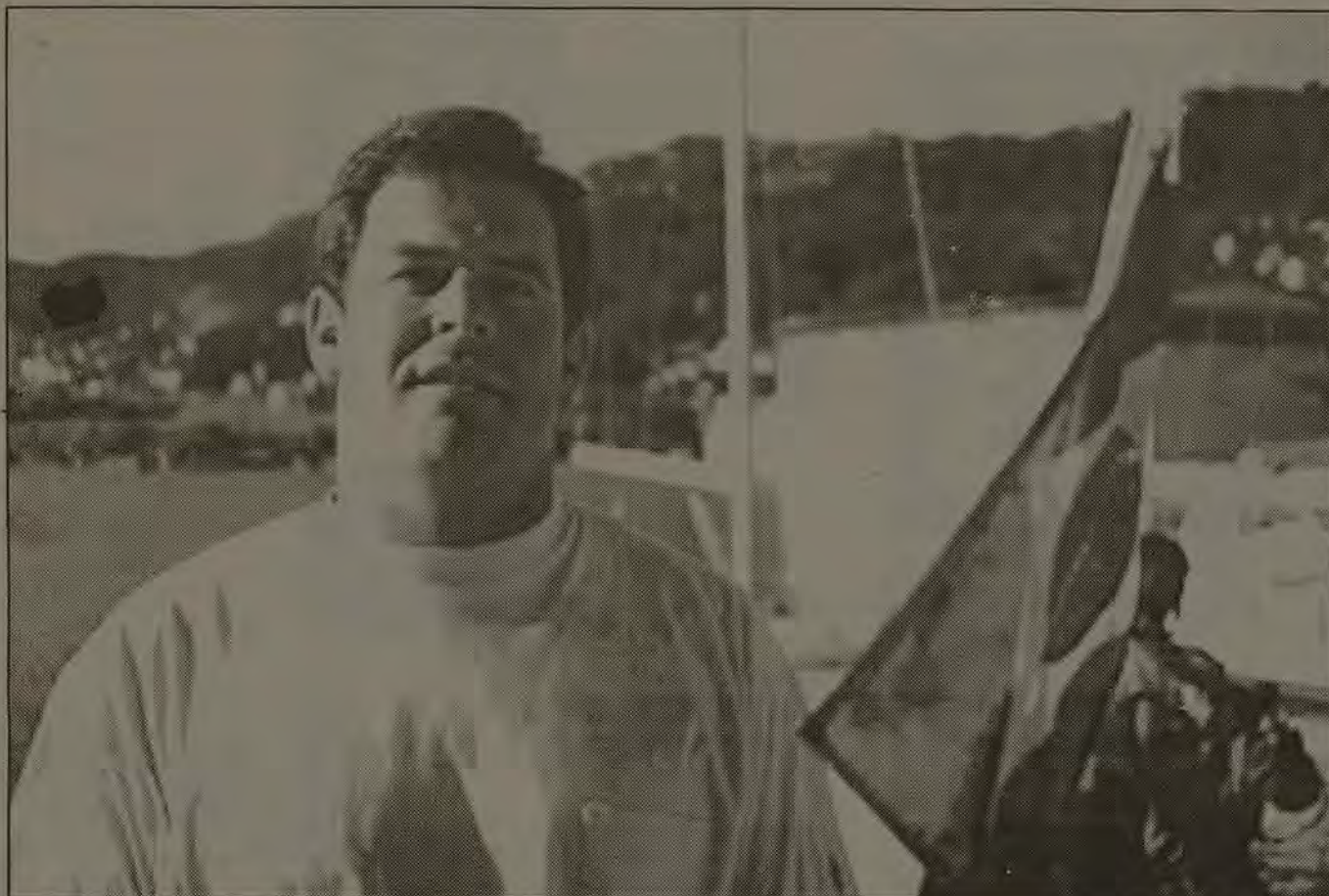


para estudar o assunto. Esta comissão é presidida pela deputada Irma Passoni (PT/SP).

O projeto prevê que "é livre a atividade de comunicação por meio de radiodifusão sonora e de sons e imagens de alcance local, sem fins lucrativos". Pela propos-

ta, estas rádios devem servir "de veículo para expressão da comunidade, nos seus aspectos cultural, político, econômico, espiritual e de lazer". A rádio livre seria fiscalizada por um Conselho Comunitário, integrado por pelo menos cinco entidades da comunidade, representados por um porta-voz". As rádios devem ter potência máxima de 50 watts e as emissoras de tevê, 150 watts, o que dá para transmitir para um bairro urbano, ou uma pequena cidade, dependendo da topografia do local e da boa instalação de uma antena. Esta proposta está sendo analisada pela Comissão de Comunicação da Câmara, mas a regulamentação pode sair antes da votação da lei.

Os donos das emissoras de rádio e televisão são contra a regulamentação e formam um lobby poderoso no Congresso. A Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert) e o Sindicato das Empresas de Rádio e TV do Estado de São Paulo (Sertesp) encomendaram um parecer ao advogado e deputado Saulo Ramos. A Abert e o Sertesp pretendem exigir do governo o fechamento de todas as rádios livres e comunitárias, que para eles são "clandestinas".



Sem patrocinadores fortes e com pouca divulgação na imprensa, atletas catarinenses tem que tirar dinheiro do próprio bolso para representar o Brasil em Atlanta

por Fátima Pissara e Beatriz Prates

Os três iatistas catarinenses vão disputar medalha na categoria *soling*, a que usa o maior barco. É uma das mais difíceis da modalidade

Fátima Pissara/ZERO

Ana Moser e Fernando Scherer podem ser os mais famosos, mas não são os únicos catarinenses que vão representar o Brasil nas olimpíadas. Além deles, mais 15 atletas catarinenses já estão com o passaporte carimbado para Atlanta.

Isso acontece porque no Brasil o apoio ao esporte está cada vez mais direcionado para algumas modalidades. Geralmente as empresas apoiam categorias que já se popularizaram, ao invés de incentivar e valorizar toda a produção esportiva do país. A mídia colabora para que isso aconteça: os atletas mais conhecidos estão sempre em evidência, enquanto os outros continuam sem muito espaço. Um exemplo é o iatista Edson "Dido" Medeiros, 26 anos, que trabalha como dentista. "Hoje em dia o esporte não está sendo valorizado como profissão", comenta Dido.

Outro exemplo é o time de handebol brasileiro, que está indo pela segunda vez às olimpíadas e só conta com o patrocínio da Pênalti (que está fornecendo os materiais esportivos). A maioria dos jogadores paga do próprio bolso para representar o Brasil. "As empresas brasileiras apresentam uma resistência em patrocinar equipes esportivas que não sejam dos chamados esportes de elite, como basquete, vôlei, futebol...", diz Fausto Steinwandter, 29 anos.

O *soling* é a categoria do iatismo que usa o maior barco das olimpíadas, tem três velas e oito metros e vinte centímetros de comprimento. É uma das modalidades mais difíceis deste espor-

te. No comando estão os catarinenses Dido e Marcelo "Gusmão" Reitz, junto com o paranaense Daniel Glomb (o mascote das olimpíadas, com 15 anos). Além dessa prova eles também vão disputar uma regata. Os três se juntaram em dezembro e só treinaram durante três meses. Para participar tiveram que engordar alguns quilos e ainda assim são considerados a tripulação mais leve do iatismo. O patrocínio da equipe está sendo feito pela Federação de Iatismo do Paraná.

Dido começou a velejar com cinco anos no barco do pai, e sempre quis participar de uma olimpíada: "Agora que consegui, penso em trazer um bom resultado para o Brasil". Segundo ele, o treinamento para Atlanta não foi suficiente, por isso a equipe parte mais cedo e faz uma escala em Savana, onde vão ficar treinando por 15 dias.

DESORGANIZAÇÃO - Gusmão, 32 anos, é vice-campeão mundial de iatismo e acredita que a equipe tem grandes chances de medalha. Ele considera os esportistas brasileiros pouco profissionais, o que não acontece em outros países. "As federações e os clubes brasileiros estão muito desorganizados em relação ao patrocínio. Federações como a americana e espanhola chegaram em uma fase em que não se preocupam mais com a questão do patrocinador, porque o próprio país tem uma tradição de patrocinar atletas profissionais", completa Gusmão.

São cinco os catarinenses

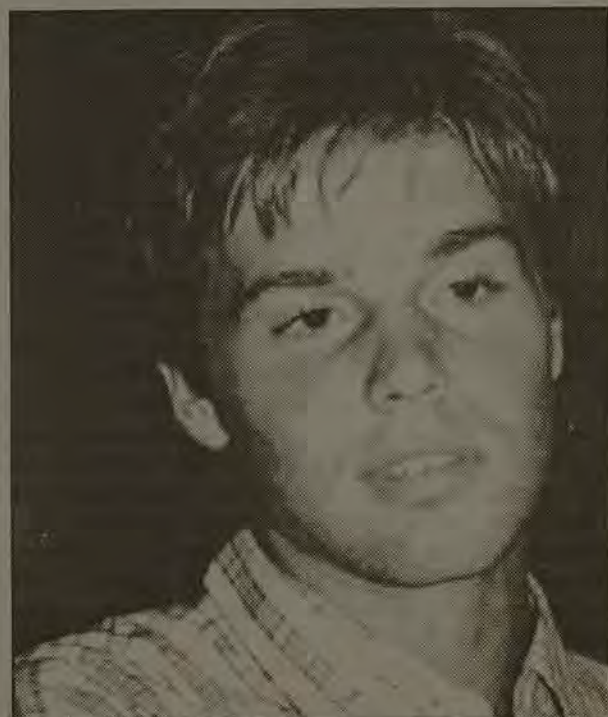
Olimpícos

que vão representar o Brasil no handebol: Cesar Stelzner, Fausto Steinwandter, Rodrigo Hoffelder, Marcos César e Ivan Maziero. Ivan e Rodrigo participaram da estréia do handebol brasileiro nas Olimpíadas de Barcelona em 92, onde alcançaram o décimo segundo lugar. Em Atlanta o objetivo principal é vencer o primeiro jogo, que será contra a Alemanha.

Rodrigo, 25 anos, joga num time alemão desde 91: "A grande diferença entre os dois países é o profissionalismo, já que na Alemanha o handebol é muito mais valorizado". Ele acredita que a seleção brasileira cresceu muito desde a última olimpíada. A grande quantidade de amistosos disputados favoreceu o time, que ganhou mais experiência e obteve bons resultados. "O mais importante foi a vitória sobre a equipe cubana, um resultado

nunca alcançado antes" diz Rodrigo.

Fausto também está otimista quanto ao time. Ele acha que o grupo está bastante homogêneo em relação ao tratamento e aos jogadores. "Não há estrelismos entre os atletas e a comissão técnica está sabendo conduzir bem a equipe". Para ir a Atlanta, Fausto largou seu emprego de professor



Werner vai conhecer Atlanta como reserva da equipe brasileira de remo

Fátima Pissara/ZERO



Alexandre Soares no aeroporto após a classificação no pré-olímpico do Rio de Janeiro Fátima Picara/ZERO

VOLEIBOL  Carlos Schwanke - Brusque
CICLISMO  Daniel Rogelin - Concórdia Márcio May - Saleté Mauro Ribeiro - Blumenau
FUTEBOL  Marlisa Wahlbrink - Maravilha

Passaporte carimbado

Os catarinenses que estão a caminho de Atlanta

HANDEBOL  Cesar Stelzner - São Miguel do Oeste Fausto Steinwandter - Caçador Ivan Maziero - Joaçaba Marcos Cesar - Descanso Rodrigo Hoffelder - Joaçaba

REMO  Marcelo Reitz - Florianópolis
ATLETISMO  Márcia Narioch - Campo Alegre Sérgio Galdino - Blumenau
IATISMO  Alexandre Soares - Florianópolis Edson Medeiros - Florianópolis

Anônimos

de Educação Física em Caçador e paga R\$ 5 mil para representar o Brasil, mais um professor substituto para ocupar o seu lugar. "Algumas empresas e entidades governamentais podiam tratar igualmente as equipes olímpicas, já que todos vamos defender a camisa do Brasil", diz Fausto.

ATLETISMO - Correr 42 km e 95m em mais ou menos duas horas e meia é o desafio da maratonista Márcia Narloch. Ela participou das Olimpíadas de Barcelona e ficou com a décima sexta colocação. Treinando no Rio de Janeiro há seis anos, ela tem o patrocínio da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), de quem recebe uma verba mensal para treinar e pagar as despesas com viagens. Márcia acredita que o país deveria investir principalmente nas escolinhas que formam os atletas. Outro catarinense presente no atletismo é Sérgio Galdino, que vai competir na marcha atlética. Ademar Kammler ainda vai confirmar a sua presença, também na marcha atlética.

Pela primeira vez dois catarinenses vão para as olimpíadas representando o Brasil no remo. São os ilhéus Alexandre Soares e Werner Jeworowsky. Eles vão competir com o barco fourskif e vão percorrer dois mil metros.

Alexandre Soares, 20 anos,

venceu o pré-olímpico. "Mas foi muito mais duro do que eu imaginei", confessa. Ele lembra que os atletas do Uruguai - que estão treinando muito agora - andaram 75 por cento da prova na frente. "Só conseguimos abrir nos últimos 500 metros, terminamos apenas 3 segundos na frente", diz Alexandre. Ele acredita que os atletas brasileiros têm potencial e que a questão do patrocínio vem melhorando muito. No entanto, Alexandre diz que ainda falta muito apoio aos atletas, principalmente aos mais novos. "Os argentinos têm um salário por mês só pra treinar. Eles respiram remo, comem remo, dormem em cima dos barcos. A carga de treinamento é muito maior que a nossa", completa Alexandre.

Werner tem 20 anos e oito de remo. Ele vai ser reserva da seleção, que pela primeira vez manda reservas para as olimpíadas. Segundo ele o maior adversário do Brasil é a Argentina, que desde 92 vem investindo muito no esporte. Tanto Werner quanto Alexandre são patrocinados pelo COB (Comitê Olímpico Internacional), Clube Martinelli e pela Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis. Os dois passaram 80 dias no Rio de Janeiro treinando para o pré-olímpico. 7



O handebol brasileiro conseguiu vencer a equipe cubana num amistoso, um resultado nunca alcançado antes Fátima Picara/ZERO

MEU AVÔ DIZIA QUE SAÚDE ERA A MAIOR RIQUEZA DE UM HOMEM. PENA QUE ELE NÃO TÁ AQUI HOJE PRA VER COMO A GENTE TÁ RICO.

GOVERNO DE SANTA CATARINA

Anúncio, que faz parte da campanha, veiculado nos espaços mais valorizados da mídia estadual

O mundo de R\$ 6 milhões

Há cerca de dois meses uma campanha publicitária conta aos catarinenses que o seu estado é o melhor lugar do mundo. Promovida pelo governo de Santa Catarina a um custo estimado em R\$ 6 milhões pelo mercado - só a produção teria custado R\$ 1 milhão - ela ganhou aplausos dos publicitários pela qualidade do material, uma CPI na Assembléia pela falta de informações sobre seu custo, e severas críticas por simplesmente reproduzir lugares comuns sobre o estado.

Não é mentira que Santa Catarina é um dos estados mais avançados do Brasil sob vários indicadores. Numa área de apenas 97 mil Km², desenvolveu a quinta maior economia entre os 27 estados. Tem a menor taxa

de analfabetismo e a maior expectativa de vida. Possui um dos menores índices de desemprego, apesar desse número estar aumentando como em todo o país. Recentemente um estudo da ONU classificou-o como o quarto melhor em qualidade de vida no país, com base em indicadores de expectativa de vida, escolaridade, analfabetismo.

Mas nem tudo é sorriso, mesmo entre descendentes de imigrantes alemães e italianos que colonizaram algumas regiões do estado. Só na região Oeste, onde vivem cerca de 1 milhão de habitantes, 90 pequenas propriedades foram abandonadas na fuga de seus proprietários da miséria entre 1980 e 1991. O caos da saúde pública veio à tona durante a

recente greve dos servidores, que durou mais de 60 dias. Este ano, Itajaí assumiu a amarga liderança da maior incidência de novos casos de Aids entre as cidades brasileiras. Florianópolis é a oitava, mas não há um programa eficiente de prevenção da doença. Além disso menos de 4% das residências têm sistema de esgoto, há 150 mil sem-terra, metade dos municípios vive uma decadência econômica que de 1970 para cá reduz continuamente suas populações. Mesmo o setor industrial enfrenta problemas. Um relatório encomendado pela própria Fiesc ao Instituto Alemão de Desenvolvimento mostra que a indústria têxtil catarinense está tão defasada que só sobrevive graças a medidas protecionistas.

Campanha acusada de racismo

Núcleo de Estudos Negros entra com representação no Ministério Público porque negros e índios foram ignorados

A pesar de 18% da população catarinense ser de origem africana, segundo dados extra-oficiais, a etnia negra não foi representada na campanha publicitária do governo do estado que mostra os povos colonizadores e formadores de Santa Catarina. Por esta exclusão o Núcleo de Estudos Negros (NEN) de Florianópolis entrou no dia 29 de maio com uma representação no Ministério Público contra a propaganda "O melhor lugar do mundo é aqui e agora". Segundo Luis Alberto Leme de Abreu, assessor para acompanhamento jurídico do SOS Racismo, a peça publicitária vende a ideia de um estado construído sem participação de negros e índios. Ele garante que a representação não exige nenhuma punição à agência que criou o comercial e ao governo, mas alerta o Ministério para o cumprimento dos preceitos constitucionais que classificam o racismo e a discriminação como crime.

O governo foi notificado da ação e recebeu do NEN um pedido de inclusão de imagens que lembrem as culturas indígena e negra na propaganda. A única resposta do Palácio Santa Catarina foi dada numa nota do presidente da Fundação Catarinense de Cultura e ex-secretário estadual de Cultura e Comunicação, Paulo Arenhart, enviada ao movimento negro.

A nota diz que o governo em nenhum momento quis discriminar os negros e os índios, mas privilegiar as etnias consideradas mais expressivas no desenvolvimento do

estado, no caso a italiana, a alemã, a portuguesa e os migrantes do Rio Grande do Sul. A nota ainda ressalta que o objetivo do comercial é resgatar na população o orgulho de ser catarinense.

Uma cópia da representação também foi impetrada no Conar (Conselho Nacional de Auto-regulamentação da Propaganda), pedindo a análise de toda campanha e o seu reconhecimento como propaganda enganosa. Caso o pedido seja acatado a pela publicitária receberá as



Barbara Peltres/ZERO

punições previstas no código do conselho. Entre elas a proibição da sua veiculação nas emissoras de tv e rádio do estado.

Mais uma dose

Governo licita mais R\$ 10,6 milhões para a publicidade. Relatório do TCE afirma que dinheiro previsto para quatro anos foi gasto só no ano passado

O governo do estado licitou no final de junho mais R\$ 10,6 milhões para gastos com publicidade, destinados a cinco contas que, segundo a Secretaria de Governo, já esgotaram os seus recursos. A licitação feita em 95 tinha garantido cerca de R\$ 22 milhões para 19 contas oficiais, dinheiro que à época o governo afirmava ser suficiente para um período de quatro anos, mas esgotaram o caixa antes do prazo o Besc, a Celesc, a própria Secretaria de Governo, a Udesc e o Porto de São Francisco. As maiores contas licitadas agora são a do Sistema Besc e da Secretaria de Governo, ambas no valor de R\$ 4 milhões, seguidas pela da Celesc, com R\$ 1,5 milhão. No ano passado o Banco do Estado de Santa Catarina ficou com R\$ 5 milhões e a Celesc com R\$ 1,5 milhão.

O governo anunciou o novo edital a despeito da controvérsia existente quanto aos seus gastos com publicidade. Um relatório do Tribunal de Contas do Estado comprova que os R\$ 22 milhões previstos para quatro anos foram gastos em apenas um. No relatório, em poder da CPI da Transparência instalada na Assembléia Legislativa, o Tribunal afirma que o valor chegou a R\$ 26 milhões. Apesar do documento, o secretário de governo Milton Martini rebate a informação e afirma que "só foram gastos cerca de R\$ 10 milhões" no período. Conforme o TCE, essa quantia se refere apenas aos gastos com a publicidade

das empresas de capital misto, como o Besc e a Celesc. Para tentar resolver a questão, há pelo menos dois meses a CPI pede, sem sucesso, que o governo forneça as informações sobre os gastos feitos. Se os números não forem apresentados, os deputados vão inquirir as próprias agências para descobrir quanto cada uma recebeu e por quais contas. A dificuldade em rastrear o dinheiro deve-se ao fato de que nem todas as despesas da área são registradas como gastos em publicidade. Boa parte do dinheiro é contabilizada como "restos a pagar". O que a CPI procura saber é quem ficou com os tais "restos". Sem essas informações, a CPI já adiou os depoimentos do ex-secretário da Fazenda, Neuto de Conto, e do seu sucessor, Oskar Falk, para depois do recesso de julho. O resultado é que os trabalhos podem não terminar em 15 de julho, como previsto, e o prazo terá que ser prorrogado por 60 dias. O novo edital continua com os mesmos problemas que fizeram o PPB mover duas representações contra o governo do estado por causa da licitação do ano passado. Ainda não existe diferenciação entre os custos de produção das peças publicitárias e sua divulgação. As duas etapas ficam sob responsabilidade das agências, que podem subcontratar o veículo que quiserem para a veiculação sem que haja licitação do valor a ser pago.

Um mito chamado Estado

Construção de identidade comum mascara problema e serve para manter coesa a sociedade

A necessidade de se construir uma identidade comum para integrar estados não é nova. A novidade é que os governantes passaram a se servir do uso intensivo das modernas técnicas da propaganda para atingir esse fim. Na verdade a necessidade de unificar o estado moderno apareceu no séc. XVIII e de forma mais clara no século XIX, sobretudo na Alemanha. Naquela época, a região estava dividida em principados e ducados e havia atritos entre burgueses, proletários e nobres. Para unificar os diferentes interesses era preciso glorificar algo maior. O objeto escolhido foi a cultura. Buscou-se no folclore e tradições uma identidade alemã, algo que fizesse o povo orgulhoso de sua pátria.

A construção de uma identidade assume diferentes papéis no estado. Primeiro, tenta manter coesa toda uma sociedade. Evita, por exemplo, movimentos separatistas como o dos Bascos na Espanha. Apresenta-se também, com um caráter político, pois ao vender a ilusão de que todos estão unidos por um sentimento comum, consegue mascarar os problemas sociais e atenuar as questões de classe.

No caso do Brasil, a posição atual dos teóricos é que não há uma única identidade nacional. O país é rico em diversida-

dades, uma verdadeira colcha de retalhos. Desde o início da colonização os ocupantes do poder entenderam as diferenças como algo perigoso. Tudo o que vinha da Europa, cultura e tradição, era considerado pernicioso. Dessa forma, buscou-se sempre a homogeneidade.

Para o antropólogo e professor da UFSC Hélio Silva o problema é tóxico de países subdesenvolvidos. "Como a Índia, o Brasil acredita que somente através da formação de um monobloco é possível conquistar a força". Ele diz que em países Unidos, as diferenças são respeitadas e consideradas importantes.

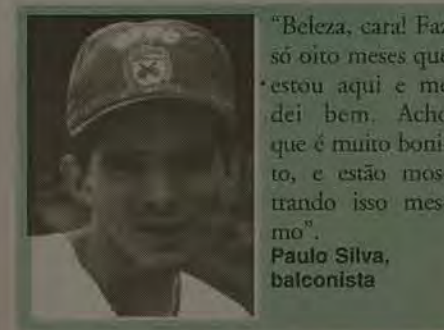
O que acontece no país é que características regionais acabaram sendo elevadas à condição de símbolos nacionais, como a feijãoada, o samba, o acarajé. Ao se tentar construir uma possível "identidade" para o povo, sempre aparecem as exclusões. Um clássico exemplo é o de Gilberto Freyre, ao escrever Casa Grande e Senzala. A identidade brasileira era a do branco e do negro, tendo o índio sido descartado.

Por fugirem a essas tradições, Santa Catarina e Paraná são estados considerados fora dos padrões brasileiros. "Eles são vistos como europeus", afirma Silva. Um exemplo claro aconteceu durante o movimento

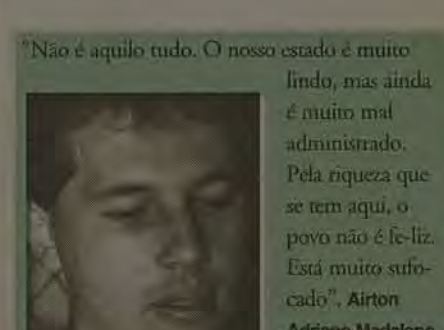
modernista, na década de 20. Essa manifestação artística teve um caráter nacional, mas só chegou em Santa Catarina 30 anos mais tarde.

"O país tem uma forte dívida para com o Paraná e Santa Catarina. Suas tradições não foram respeitadas", diz Silva. A falta de expressão do estado no país pode ser explicada pela grande ocupação de imigrantes europeus, o que o governo brasileiro via como descaracterização de uma "cultura brasileira". A mesma coisa aconteceu no Paraná e no Rio Grande do Sul. Só que o último conseguiu impor sua tradição.

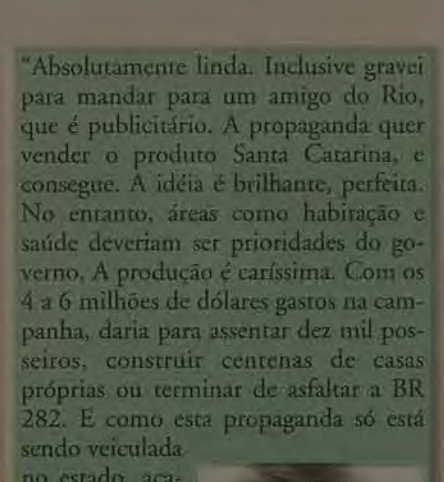
Para Hélio por trás do slogan "o melhor lugar do mundo é aqui e agora" há um forte apelo social, na busca de criar um mito em torno do estado. No contexto estão inseridas diversas conotações - políticas, econômicas, turísticas, étnicas - viabilizando diversas leituras, conforme os interesses de cada cidadão. Dessa forma, a ausência de negros na propaganda pode estar associada às tentativas de embranquecimento da população. Principalmente de Santa Catarina, considerada a Europa brasileira. "O mais importante de tudo isso é que o país passe a respeitar suas culturas... graças à diversidade que o mundo mantém-se vivo", diz Silva.



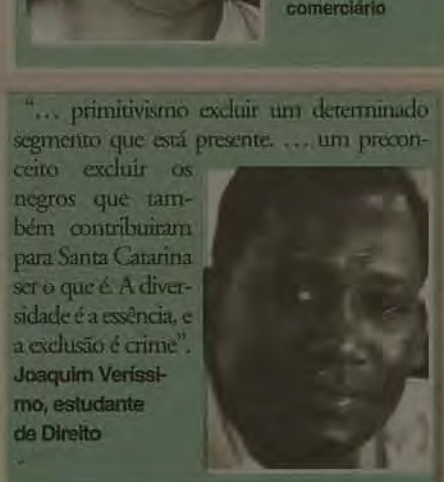
"Beleza, cara! Faz só oito meses que estou aqui e me dei bem. Acho que é muito bonito, e estão mostrando isso mesmo". Paulo Silva, jogador de basquete



"Não é aquilo tudo. O nosso estado é muito lindo, mas ainda é muito mal administrado. Pela riqueza que se tem aqui, o povo não é feliz. Está muito sufocado". Airton Adriano Madaleno, comerciante



"Absolutamente linda. Inclusive gravei para mandar para um amigo do Rio, que é publicitário. A propaganda quer vender o produto Santa Catarina, e consegue. A ideia é brilhante, perfeita. No entanto, áreas como habitação e saúde deveriam ser prioridades do governo. A produção é caríssima. Com os 4 a 6 milhões de dólares gastos na campanha, daria para assentar dez mil posseiros, construir centenas de casas próprias ou terminar de asfaltar a BR 282. E como esta propaganda só está sendo veiculada no estado, acaba nem promovendo o turismo. Serve apenas para uma autoafirmação do governo". Eduardo de Melo Souza, procurador da UFSC



"... primitivismo excluir um determinado segmento que está presente... um preconceito excluir os negros que também contribuíram para Santa Catarina ser o que é. A diversidade é a essência, e a exclusão é crime". Joaquim Verissimo, estudante de Direito



"Realmente é o melhor lugar do mundo para quem faz aquele tipo de divulgação, mas para o povo não. O estado é gostoso, mas o governo está gastando muito. Esse dinheiro poderia ser aplicado em saúde e educação. A propaganda é pura politicagem com fins eleitorais". Manoel Jesus Natividade, segurança

Eu acho que...



"... tão banal que nem prestei atenção. ... ilusório. Aqui não é tão perfeito. A educação, por exemplo, deixa muito a desejar". Dione Andrade, estudante de Matemática



"Realmente é o melhor lugar do mundo para quem faz aquele tipo de divulgação, mas para o povo não. O estado é gostoso, mas o governo está gastando muito. Esse dinheiro poderia ser aplicado em saúde e educação. A propaganda é pura politicagem com fins eleitorais". Manoel Jesus Natividade, segurança



Publicidade e Jornalismo têm pelo menos uma característica em comum. Quando querem, fazem da versão que interessa ao poder a única verdade existente. Os dados de todos os textos destas duas páginas são verdadeiros, porém utilizados com fins diferentes. O melhor e o pior juntos. Aqui. Agora.

As melhores do melhor

Meio Ambiente

Atualmente, o governo do estado em conjunto com a Fatma, desenvolve cinco projetos, especialmente no combate à poluição industrial e à proteção da Mata Atlântica. Na Bacia do Rio do Peixe, por exemplo, a poluição provocada pelas 300 empresas foi reduzida em 94%.

O último projeto, denominado Estudo de Viabilidade de Recuperação das Áreas Mineradas da Região Sul de Santa Catarina (Provida), objetiva recuperar a área degradada pela mineração do carvão nos últimos 50 anos. Para iniciar o estudo principal do projeto, uma missão com 10 técnicos da Jica (Agência de Cooperação Técnica do Japão), chegou ao local no final do mês passado.

Santa Catarina tem uma área de 151.280 hectares destinada a reservas, o que representa 1,58% de seu território. Já os estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul, destinam apenas 1,20% e 0,59% de suas áreas para estas unidades. O estado possui, administrados pela Fatma, dois parques estaduais e três reservas biológicas.

O governo estadual assinou um contrato para iniciar a primeira etapa do Programa de Educação Ambiental Viva Floresta Viva. Esta fase inicial consiste na capacitação de 46 monitores de 23 municípios, que vão trabalhar para que a própria comunidade crie novos projetos a serem desenvolvidos.

Economia

Santa Catarina apresentou um crescimento de 5,67% na taxa de produção industrial no ano passado, acima da média nacional (1,71%). As indústrias que mais contribuíram para o crescimento foram a de bebidas, com 56,10% e de produtos de matérias plásticas: 31,92%.

No ano passado os bancos de desenvolvimento do estado investiram 14,7 milhões a mais na indústria, que no ano anterior. A

renda per capita praticamente quadruplicou nos últimos 10 anos e a participação do PIB catarinense no nacional foi a única que cresceu em relação a 1975 entre os três estados do Sul (é a sétima do país).

As exportações catarinenses, que foram pouco mais de US\$ 800 mil em 1982, ultrapassaram os US\$ 2 milhões no ano passado, fixando a posição de sexto maior exportador do país. O aumento em comparação com 1994 foi de 10,29%, e manteve o registro de expansão nas vendas ao mercado externo verificadas desde 87.

Mesmo sendo apenas o vigésimo estado brasileiro em extensão e o décimo-primeiro em população, Santa Catarina destaca-se como maior produtor nacional de alho, maçã, carvão mineral e mel de abelha, entre outros produtos. É o segundo na produção de fumo, cebola e pescado e o terceiro em trigo, arroz, têxteis, vestuário e em número de cabeças de suínos e frangos.

Saúde

Em nosso estado temos um dos maiores números de programas de prevenção à AIDS de todo o Brasil, e entre as regiões do Sul e Sudeste é o que apresenta menos casos da doença.

O controle do câncer no estado também está em estágio avançado. O Hospital de Apoio para o atendimento dos pacientes com a doença foi reformado e construída a Casa Mata, para a implantação do serviço de radioterapia na região de Chapecó.

No atendimento infantil o destaque é a Maternidade Carmela Dutra, em Florianópolis, reconhecida como *Hospital Amigo da Criança* pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Pelo título o hospital recebe do



Santa Catarina tem o segundo maior número de pessoas alfabetizadas no Brasil

Fátima Pissara/ZERO

Ministério da Saúde um percentual de 10% a mais nos pagamentos de partos normais e exames pré-natais.

Além disso a campanha de vacinação contra a meningite tipo C, feita em abril deste ano, superou as expectativas e atingiu mais de 900 mil crianças. O estado bateu o recorde nacional. Entre 1995 e 1996, foram reformados os hospitais Colônia Santana, Nereu Ramos, Governador Celso Ramos, Hospital de Apoio para Atendimento Oncológico e a Associação Santa Catarina de Reabilitação, com a reativação de mais de 300 leitos da rede pública.

Educação

Santa Catarina é o estado com o segundo menor número de analfabetos do país, perdendo somente para Rondônia. Possui uma taxa de evasão escolar de apenas 6,11% e 4.660 escolas públicas com mais de 840 mil alunos. Atualmente, apenas 13,7% da população catarinense não sabe ler nem escrever.

Para diminuir este índice, o governo está começando a erradicar o analfabetismo no serviço público estadual. Cerca de 1.700 funcionários públicos que até o final do ano estarão com o ensino básico completo - 1ª a 4ª série.

A preocupação com a qualidade de ensino é constante. O programa Magister, que busca a melhoria da qualidade dos professores de rede estadual vai garantir, gratuitamente, a habilitação para profissionais que ainda não são formados em disciplinas específicas.

Até o fim deste governo, cerca de 1.500 escolas com mais de 100 alunos vão receber kits com antenas parabólicas, videocassete, televisão e fitas para a aplicação no programa "Educação à distância e TV Escola".

Segundo o secretário da Educação e Desporto, João Matos, estes são apenas alguns exemplos de que o atual governo do estado está séria e realmente preocupado com a qualidade do ensino catarinense.

As piores do pior

Educação

Uma pesquisa recente, feita com 1.100 professores da rede pública estadual de ensino, mostrou que um terço dos entrevistados quer mudar de profissão. Para piorar a situação do magistério em Santa Catarina, em 94 a Acafe suspendeu 10 cursos de licenciatura por falta de candidatos no Vestibular. A principal causa dos dois fatos, que demonstram o desinteresse pela profissão, é o baixo salário. O piso hoje no estado é de R\$ 277,00 e os professores acumulam perdas salariais que variam de 137 a 180%.

Segundo as últimas pesquisas de 95, Santa Catarina já tem 28 mil ACTs (professores admitidos em caráter temporário), 70% deles sem habilitação para lecionar.

Trabalho Infantil

No município de São João Batista mais de 13% dos trabalhadores da indústria de calçados têm idade entre 12 e 18 anos. A maioria com carga de trabalho superior a oito horas diárias e em contato com materiais tóxicos, como cola de sapateiro. O caso, segundo um estudo da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), é um dos

mais graves de exploração do trabalho infantil em Santa Catarina. A pesquisa ainda revela que 65,01% das crianças do estado que trabalham não estão na escola, contrariando o Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente, e que 77% delas trabalham mais de oito horas por dia, jornada proibida até para adultos.

Para esta pesquisa a delegacia utilizou apenas os dados daquelas crianças que trabalham com registro em carteira. Mas segundo a psicopedagoga da DRT, Wilma Lima, um número muito maior de crianças trabalha irregularmente no estado. Na região de Alfredo Wagner, por exemplo, muitas crianças trabalham como ensacadores de batata recebendo R\$ 7,00 diários, de onde são descontados R\$ 2,00 para alimentação e moradia.

Em muitas esquinas das cidades catarinenses também se vê menores trabalhando em condições semelhantes. O adolescente A.E.V., de 14 anos, de segunda a segunda vende jornal no semáforo do cruzamento entre a Av. Mauro Ramos e a rua Vitor Konder. Ele recebe um salário de aproximadamente R\$5,00 por dia e nos finais de semana é presenteado com lanche e almoço.



Na capital vivem 32 mil pessoas carentes

fotos: Isabela Schwengber/ZERO

Economia

Há um ano a indústria catarinense vem demitindo funcionários. No período já foram fechados mais de 17.500 postos de trabalho. Os setores mais atingidos são o têxtil, o de calçados, o de couros e peles e o mecânico. Uma das causas dos cortes no quadro de pessoal é a retração das vendas das indústrias. Em março de 96 as empresas do estado venderam 18,04% a menos do que no mesmo período do ano passado.

Dados da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), apontam como maiores problemas enfrentados pelos empresários do estado as elevadas cargas tributárias e taxas de juros; a redução da margem de lucro, para atrair compradores; a competição dos importados; a inadimplência e a valorização do real. A crise tem resultado na queda da produção em 43,38% das indústrias e a estagnação em outras 43,37%. Só a indústria de calçados do Sul de Santa Catarina, no ano passado, produziu sete vezes menos que em 94, diminuindo seu faturamento de US\$ 5 milhões para US\$ 500 mil e reduzindo o número de funcionários de 9.500 para 1.750.

O comércio catarinense também fechou o ano de 95 com uma redução de 9,1% no número de empregados, e segundo o Clube de Diretores Lojistas (CDL), a tendência se manteve no primeiro trimestre deste ano.

O setor sofre com a política de juros altos, que dificulta a obtenção de crédito e diminui as vendas

Moradia

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF) em 93, revelou que cerca de 12,6% da população da cidade, aproximadamente 32 mil pessoas, vive em estado de carência.

O relatório apresenta 46 áreas da capital caracterizadas pela precariedade de infra-estrutura urbana e pelo difícil acesso.

Segundo o relatório "Perfil de Áreas Carentes" só metade das residências pesquisadas possui rede completa de água. O restante se abastece de redes incompletas ou utiliza poços, cachoeiras e bicas. Apenas duas áreas da Ilha e uma no Continente têm sistema de coleta e tratamento final de esgoto.

Meio Ambiente

Os números do governo revelam problemas na preservação da Mata Atlântica, nas condições dos recursos hídricos e no tratamento dispensado ao lixo produzido em Santa Catarina.

A Mata Atlântica já cobriu mais de 85% do território catarinense, e hoje não chega a 15%, sendo que apenas um terço desse total é mata nativa. A lei que impede a derrubada das árvores é rigorosa, mas os 200 homens da Polícia Ambiental não conseguem fiscalizar 1,5 milhão de hectares.

Dos mananciais de água, 95% estão contaminados por agrotóxicos, esterqueiras ou pela falta de saneamento básico na maioria das residências. Santa Catarina, com seus 4,7 milhões de habitantes, despeja nas praias, rios e mangues uma quantidade de dejetos equivalente a de uma população de 30 milhões de pessoas.

E o destino dos dejetos sólidos produzidos ainda continua sendo os chamados lixões, onde o material é acumulado e fica sem tratamento.



Apenas metade das residências pesquisada pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis em 1993 tinha abastecimento completo de água



fotos: Elmar Meurer/ZERO

Os índios da reserva Massiambu e do Morro dos Cavalos, na Grande Florianópolis, vivem em condições precárias: não há assistência médica e as crianças só aprendem a língua portuguesa a partir dos 12 anos de idade



Extinção total

Expectativa de vida média dos índios brasileiros cai para 42 anos pela falta de alimentação adequada

por Sandra Vieira

O índio brasileiro está vivendo cada vez menos. Crianças como a menina Helia, uma indiazinha de um grupo guarani da Grande Florianópolis, têm uma expectativa de vida de apenas 47 anos. Um estudo recente do médico Rômulo César Sabóia Moura, do Instituto de Medicina Tropical de Manaus (IMTM), revela que a longevidade média das diversas etnias indígenas no país é de 42,6 anos. A pesquisa atingiu 74,8% da população indígena do Brasil e apresentou resultados considerados alarmantes.

De 1993 a 1995 o tempo médio de vida dos indígenas diminuiu 11,6%. Há casos em que um índio não chega a completar 24 anos, como por exemplo, nas tribos do Vale do Javari, na Amazônia. E mais, Moura aponta a falta de assistência médica como um dos principais motivos desse 'genocídio'. Não há sistematização de visitas de médicos, enfermeiros e laboratoristas às aldeias. Em geral os índios estão morrendo de doenças banais como diarreia e gripe. A responsabilidade da saúde indígena é da Funai (Fundação Nacional de Amparo ao Índio).

Desde os primeiros contatos com os europeus nos idos de 1500, a saúde do índio tem sido atingida. Eles eram cerca de três milhões na época da conquista, hoje são pouco mais de 270 mil pessoas. Um dos motivos do extermínio foram justamente as doenças que eles contraíram dos colonizadores. Segundo a antropóloga Jean Langdon, em gerações indígenas passadas o contato com o branco provocava a morte de 70% da tribo. "Hoje, porém, a maioria das tribos já criou algum tipo de imunidade. Além disso, atualmente a Funai mantém vacinada grande parte dos índios", conta. Ela acrescenta que o maior problema é a falta de terra e a pobreza que esses grupos estão vivendo. E diz ser impossível falar em saúde do índio, sem falar da situação em que ele vive. "Tem que ter médico, sim. Mas não é só isso. Eles precisam de terra adequada para plantar e poder comer e de uma infra-estrutura mínima", analisa exemplificando o caso da reserva Xapecó, em Xanxerê (SC): "Lá a água não é limpa e isso pode implicar em problema de saúde", comenta.

Jean Langdon, que também é professora na UFSC, acusa a Funai de negligência. "Parte é

falta de recurso. Mas também há muita falta de interesse". Em Santa Catarina, de acordo com Jean, o povo indígena em condições de vida mais precárias é o Guarani. "Tem muito índio desse grupo que não tem terra e vive nas periferias".

Debaixo de um telhado de taquara, uma espécie de bambu, estava o fogão à lenha. Reunidas ali, ou ao redor de pequenas fogueiras espalhadas pelo terreno, as índias preparavam o prato do dia: mandioca. "Hoje ainda tem mandioca. Aí se come isso pela manhã, tarde e noite. Mas nós já passamos fome", revela o cacique Augusto da Silva. Ele e mais 33 pessoas ocupam a reserva de Massiambu, a 44 km de Florianópolis. "A Funai até ajuda com madeira para construção das casinhas, mas não ajuda com comida", reclama o cacique.

DESCASO - É nesta tribo que mora a indiazinha Helia, que não sabe falar português, só entende a língua guarani. Na aldeia as crianças só começam a aprender a língua portuguesa depois dos 12 anos.

Na reserva não há visita médica periódica. Quando algum índio adocece vai a pé ou de ônibus até a localidade mais próxima, Palhoça. O trajeto é de 28 km. Lá são atendidos num posto de saúde, mas na maioria das vezes não têm dinheiro para os remédios. É o caso do cacique Artur Benite de uma reserva vizinha, no Morro dos Cavalos. Ele também é do grupo guarani. "Fui no posto da Palhoça e mandaram eu voltar outro dia para fazer os exames, mas eu não tinha dinheiro para voltar", comenta reclamando que continua doente. "Eu sei que tenho vermes. O corpo é meu e sinto que eles se mexem aqui dentro", afirma apontando para a barriga. "Chorar não dá. Gritar não dá. Fazer o quê?", completa o cacique indignado. A tribo dele tem 72 pessoas.

O administrador regional da Funai, Sérgio Campos, responsável pelos guaranis de Santa Catarina, alega a falta de recursos. "A gente sempre bate na mesma tecla, mas realmente temos poucas condições para ajudar", justifica. Até o final de junho, ele e o diretor de assistência da Funai, Wellington Gomes Figueiredo vêm a Santa Catarina. "Cada família vai receber uma cesta básica doada pelo programa Comunidade Solidária, além de sementes para plantar", adianta. A sede regional da Funai fica em Curitiba. Há outra administração regional com sede em Chapecó, mas esta é voltada só aos índios do Oeste catarinense.

Em SC ainda vivem mais dois grupos indígenas: os xoklengs e os kaingangues. Estes últimos são inclusive, de acordo com a pesquisa do médico do IMTM, os índios com maior expectativa de vida no país, 56,9 anos. Mas também enfrentam problemas com a pobreza. Segundo a professora Jean, de janeiro a fevereiro deste ano morreram cinco crianças menores de 6 anos na reserva Chapecó, em Xanxerê. Os dados são informais e chegaram através de uma missionária que trabalha com os índios da região Oeste. Ela apontou a desnutrição como a *causa mortis* dos indiozinhos.

O representante da Funai nessa área, Gabriel Poty, lamentou a informação dos casos recentes e colocou a culpa na falta de recursos. "A falha existe. As comunidades (indígenas) estão morrendo de doenças que não deveriam, mas a Funai trabalha com misérias", alega.



Louco preconceito

A silenciosa discriminação a que os doentes mentais são submetidos pelas próprias famílias

por Joice Sabatke

Amélia, 61 anos, termina mais um de seus disputados tapetes de retalhos. A robusta alemoa ainda carrega o sotaque dos que vêm do Oeste de Santa Catarina. Sentada no sofá se orgulha da arrumação em que deixa a sala e do piso encerado por ela mesma. Reclama da desorganização das outras colegas da casa e reclama ainda mais de seus filhos - oito, ao todo - que a deixaram na Colônia Santana durante uma de suas crises de nervos, há cinco anos atrás. "Eu nem quero que eles e as mulheres deles ponham o pé aqui dentro".

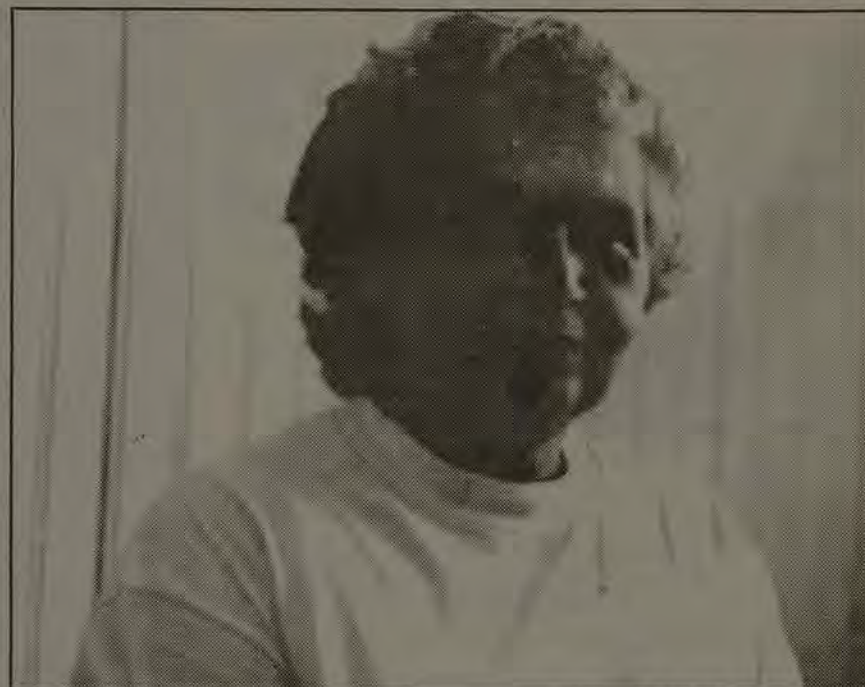
Quem caminhar pelas várias alas do maior hospital psiquiátrico do estado vai encontrar mais histórias parecidas com esta. A direção estima que dos 677 internos, 209 tenham condições de permanecer fora do hospital - 93 deles já receberam alta. Estas pessoas continuam ali porque não têm parentes ou suas famílias são pobres demais para mantê-los ou ainda não são aceitados num convívio social.

A conjugação de todos estes fatores estatísticos acompanham a vida de

Olindina, 73 anos. Ela está internada há 45 anos na Colônia, após a morte dos pais e uma breve passagem pela casa de um tio que pouco suportou suas crises de epilepsia. Curvada pela idade, parece menor que seu metro e meio de altura e ainda lembra com nitidez de como era o acesso a Florianópolis pelo caminho que viria a ser a BR-101. Faceira corre para apanhar os detalhados bordados de crivo que fazia até "antes da vista cansar".

AMPARO- O abandono não é regra. Além das ações desenvolvidas por grupos que auxiliam os internos, também existe o apoio às famílias que optam por amparar seus doentes. Maria Carolina de Oliveira vive com seu filho Adriano, de 33 anos, que demonstrou os primeiros sinais de esquizofrenia durante a adolescência. Há um ano ela ficou sensibilizada com o depoimento de outra mãe de portadores. No relato a empregada doméstica contava que já tinha uma filha esquizofrênica internada e que sua neta começava a manifestar os sinais da doença aos 15 anos de idade. Quando foi levá-la ao médico em um ônibus, os demais passageiros começaram a reparar o estado da menina o que a deixou ainda mais inquieta, resultado: as duas foram retiradas do veículo e como não tinham dinheiro para um táxi foram levadas para o hospital numa viatura da Polícia Militar.

"Você sabe como os doentes men-



Barbara Pettres/ZERO

Maria Carolina luta para integrar os pacientes à sociedade através da Associação de Familiares de Portadores de Transtornos Mentais

tais em crise são transportados nestes carros? Com as mãos e os pés atados, feito porcos", esclarece Maria Carolina que desde o episódio trabalhou e se informou ainda mais para constituir a Associação de Familiares de Portadores de Transtornos Mentais - AFAPTM.

GRAVETO - Com a metáfora dos ramos que unidos são mais difíceis que quebrar do que um graveto solitário ela já agremiou 40 famílias em torno da causa que busca por atendimento ambulatorial especializado nos postos de saúde da capital - hoje apenas os hospitais Colônia Santana e São José contam com este serviço. Na lista de

objetivos também consta a aquisição de uma ambulância para o transporte dos doentes em surto.

Nas reuniões da AFPTM, no Instituto São José, há palestras palestras de informação e troca de experiências. Em toda esta movimentação fica claro que eles buscam superar algo além da doença que une seus portadores, o preconceito de origens medievais que até há menos de cinco décadas os colocava ao lado de leprosos muito longe dos centros urbanos. "A luta é contra o medo que as pessoas têm do portador de transtorno mental, e eu espero que não seja uma luta inglória", confirma Maria Carolina.

A vida por um fio

Voluntários do Centro de Valorização da Vida prestam auxílio às vítimas da solidão cotidiana

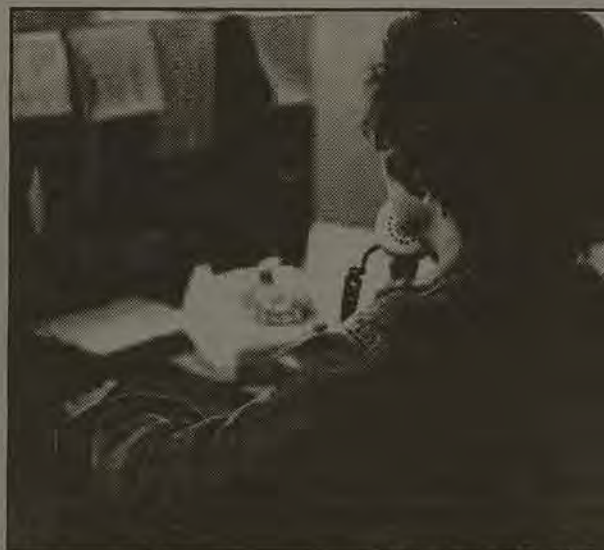
Terça-feira, 13 de março, nove horas da manhã. O jovem Luciano de 26 anos de idade joga-se do décimo andar de um edifício no centro de Florianópolis. Doze quilômetros e onze horas depois foi a vez de Oleíca, 46 anos, moradora do bairro Ipiranga, matar-se com um tiro no peito. Unidos pela fatalidade estes dois desconhecidos refletem um número que quase passa despercebido no noticiário policial e que promove discussões acaloradas tanto em mesas de bar quanto em púlpitos religiosos. Nos últimos 12 meses 118 habitantes da Grande Florianópolis tentaram se matar e 20 conseguiram. O suicídio está entre as 10 maiores causas de morte em todo o mundo, e quando a faixa etária é de 15 a 34 anos, ele fica entre os três primeiros colocados. Polêmicas à parte, a questão hoje rende dinheiro aos donos dos *disque 200* que propõem conversas

para a fuga da solidão. Há 34 anos porém já existe outro serviço telefônico, o Centro de Valorização da Vida - este gratuito - que busca impedir o ato extremo através de uma boa conversa.

O CVV foi criado em São Paulo tendo por modelo os Samaritanos de Londres. Em Florianópolis está instalado desde 1992. A atuação destes voluntários é ainda mais discreta que o espaço ocupado pelo número 222 4111 na lista telefônica. Antes de auxiliar as pessoas que procuram o atendimento, eles passam por um treinamento que dura cinco semanas, num total de 30 horas.

ÍNTIMO - "Muitos voluntários não conseguem atravessar esta fase, porque os assuntos abordados mexem demais com o seu próprio íntimo. De 20 que começam a preparação, apenas quatro terminam", afirma o voluntário Sebastião, que há um ano dedica quatro horas por semana às pessoas que procuram ajuda.

Hoje são 39 os voluntários, e para



Barbara Pettres/ZERO

garantir o atendimento via telefone durante as 24 horas alguns dobram seus plantões. As contas de telefone e demais despesas, como aluguel da sede e cursos de formação de voluntários, são mantidas pela Associação Mantenedora de Apoio, a personalidade jurídica do CVV que amealha doações e promove eventos, como um bingo que acontecerá no dia 14 de setembro na paróquia do bairro Trindade.

Os voluntários são preparados para não interferir nas emoções das pessoas que os procuram, a técnica é

levar o atendido ao questionamento e à reflexão, para que ele mesmo possa se ajudar. A raiz da maior parte dos problemas é a solidão, que conjugada a outras perdas e frustrações pode colocar a pessoa num beco sem saída. "Quando estamos ali trabalhando não existe outra profissão, apenas a dedicação ao próximo, e é muito gratificante quando a gente nota que conseguiu ajudar alguém", avalia Sebastião. (J.S.)

Para ser voluntário:

- ter 18 anos;
- disponibilidade de 4 horas e meia, uma vez por semana;
- paciência;
- saber ouvir;
- ser sensível aos problemas alheios;
- não julgar, criticar ou dar conselhos;
- contato pelo telefone (048)222 4111 com os voluntários de plantão.

Para conversar com os voluntários:

- 24 horas pelo telefone (048)222 4111;
- das 7h às 22h, atendimento pessoal na sede do CVV, Av. Vitor Konder, 321 Centro - Florianópolis

Manhã Solidária

Jovens trocam as noitadas de sexta-feira para distribuir alimentos aos desabrigados de Florianópolis

por Daniela Melo

“Ainda bem que vocês chegaram. Eu estava sem comer há dois dias”. Marcia Pereira, 22 anos, portadora do vírus HIV. Expulsa de sua casa, em Blumenau, pelos pais, mora na Ponte Pedro Ivo em Florianópolis há cinco meses. Ela é uma das 70 pessoas ajudadas pela ação *Coração Andarilho*. Neste trabalho estão envolvidos 23 jovens de 18 a 28 anos, que trocam as badalações das noites de sexta-feira para se dedicar às pessoas que moram nas ruas da cidade, levando alimentos, remédios e roupas de frio.

Eles pertencem ao grupo Estrela da Manhã, do Movimento Emaús (Movimento Cristão Jovem). Cada grupo desse movimento realiza uma determinada tarefa para ajudar a comunidade. “O princípio do Emaús é trabalhar para uma ação, colocando em prática a teoria aprendida”, explica Aline Malhado de Souza, estudan-

te de Ciências Sociais da UFSC.

Há mais de um ano, a ação começa nas tardes de sexta-feira e segue seu roteiro pré-determinado, onde cada pessoa tem uma função:

Sexta-feira, 17:30 - Edmundo Moreira é encarregado de pegar os alimentos doados. Surimar da Silva e Luís Antônio buscam os alimentos com Edmundo e levam para o local de preparo.

Sábado, 5:00 - Luis Antônio abre o salão de festas do prédio Ilha do Arvoredo na Beira-Mar Norte e espera o resto do grupo chegar. Luís, 35 anos, empresário, não faz parte do grupo Estrela da Manhã, mas pertence à ação *Coração Andarilho*. “Sempre gosto de fazer boas ações, mas acredito ter melhor proveito ajudando o grupo”. Desde outubro não faltou nenhuma reunião e como de costume é sempre o primeiro a chegar. Para isso acorda às quatro horas da manhã. “Não é sacrifício, faço tudo com maior prazer. É gratificante ver o sorriso estampado no rosto dos sem teto”.

Sábado, 5:30 - Os integrantes do *Coração Andarilho* chegam ao salão de festas e se organizam para a preparação dos alimentos. São 80 pães doces e 60 salgadinhos doados pelos supermercados Angeloni e Luciano, mais 20 litros de leite



Há mais de um ano, os andarilhos preparam o café da manhã dos sem-teto: pão e chocolate quente, vindos de doações

doados pela Tirol. Outras pessoas ajudam doando também alimentos. Nessa manhã, 2,5 kg de mortadela, um pote de margarina, três potes de geléia, 10 pacotes de 1kg de bolachas, cinco latas de Nescau e alguns iogurtes vieram dessas doações.

Depois de tudo pronto, o grupo faz uma corrente em forma de círculo e reza para dar bênção. Em seguida saem para distribuir os alimentos nas pontes Pedro Ivo e Colombo Salles, Praça XV, rodoviária, caixas eletrônicas e debaixo de marquises.

Sábado, 6:30 - “Vamos acordar, o café da manhã chegou. Ó de casa, olha o café”. Com chocolate quente e sanduíches, os andarilhos começam a acordar as pessoas que se abrigam em caixas de papelão na ponte Pedro Ivo. O chamado é seguido com bate palmas do grupo para au-

mentar ainda mais o alvoroço. O primeiro a aparecer, ainda sonolento, é Adelson Barbosa, 18 anos. Ele veio de Pato Branco à procura de emprego junto com o pai. Para sobreviver, consegue alguns trocados carregando bagagens na rodoviária. Mora na ponte há apenas dois meses. Ele confessa que o melhor dia da semana é sábado, quando acorda com café da manhã na “cama”.

IMPROVISO - O ângulo entre a ponte e o chão forma o abrigo onde mora Rosana da Silva Faria, carioca, casada e mãe de um menino de quatro anos. “Estou aqui há sete meses. No Rio de Janeiro também morava embaixo da ponte, mas saí de lá por causa da violência. Aqui é bem mais calmo. A única ameaça é a prefeitura, quando chega quebrando tudo”. Como papeleira ganha R\$ 60,00 por semana para poder sustentar o filho, “Mamãe, o moço do pão chegou”, chama o menino. “Ele sabe que hoje não vai passar fome”, completa Rosana.

Interessados em ajudar a ação, entrar em contato com Fernando (233-1312) ou Aline (222-5568)



Participando da ação, os jovens católicos colocam em prática ensinamentos bíblicos como caridade e solidariedade

Fotos: Barbara Pettres / ZERO

O cangaço em dança e voz

Grupo Cena 11 une dança e multimídia no espetáculo que procura a identidade do Brasil

por Beatriz Prates

“O Novo Cangaço”, é a mais recente coreografia do grupo Cena 11. As características marcantes dos trabalhos do grupo são a linguagem multimídia e o compromisso com a informação. Além do movimento, eles trabalham textos, poesias e vídeo durante o espetáculo.

A opção pela fala durante o espetáculo surgiu timidamente em *Do You Wanna Fuck?* e *Manifesto*, amadureceu em *Respostas sobre Dor* e volta com força no *Cangaço*. O coreógrafo Alejandro Ahmed, diz que a fala surgiu da necessidade de se colocar algo mais na dança que não fosse movimentos musculares.

Depois de participar das óperas *O Guarani* e *Catharina, uma ópera da Ilha*, o grupo conseguiu alcançar um público para o espetáculo de dança,

que não fosse ao teatro para ver a apresentação da filha ou da sobrinha. Na estréia, no teatro do Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis, houve quem deixou o espetáculo na metade. As cenas do *Cangaço* são fortes, tratam da miséria humana, da indiferença com o outro. Os textos recitados fazem críticas à sociedade: “A liberdade no banco dos réus, a informação no banco dos réus, a comunicação no banco dos réus, a tua cabeça no banco dos réus”.

TEMA POLÍTICO - O nu dos bailarinos foi uma das causas de maior alvoroço entre a platéia. Durante uma apresentação em Passo Fundo, Alejandro disse que aconteceu a mesma coisa. “Quando uma pessoa mostra o corpo e isso agride alguém, é porque esse alguém tem algum problema com a sua concepção” completa o coreógrafo. Ele diz ainda que a intenção do grupo não é agredir. “o *Cangaço* trata de um tema político e universal, da diferença. Isso incomoda”.



Juntar textos à coreografia já são característica do grupo. A preferência é pela crítica social

Iran Garcia/Divulgação

O tema do cangaço foi escolhido por situar o Brasil dentro do universo social. Segundo o coreógrafo, é a busca da identidade do que é ser brasileiro. Foram sete meses de pesquisas na história geral do cangaço, violência, banditismo, dança antitécnica e cibernética. O espetáculo se divide em sete partes com músicas do Sepultura, Chico Science, Arnaldo Antunes, Joaquim Rebole Couto, Nine Inch Nails e composições dos dois músicos que ficam no palco. No cenário, um telão e vários fósseis de animais

pendurados no teto.

O Cena 11 existe há 10 anos. A partir de 92, Alejandro assumiu a direção. São 10 bailarinos, entre 19 e 24 anos, e mais de 10 anos de dança. “É um grupo profissional de dança contemporânea, que não se preocupa com rótulos. Antes de tudo, é um grupo de arte”, diz Alejandro. A montagem do *Cangaço* foi quase toda custeada pelos próprios dançarinos, apenas foi 20% paga com o prêmio do edital da Fundação Catarinense de Cultura. **Z**

Manutenção do clássico

Governo do estado cria a Escola Permanente de Dança para formar bailarinos catarinenses



A brasileira Patrícia Visconti e o cubano Isanussi Garcia, do Ballet Paula Castro - SP

Mesmo arcaico, como muitos o consideram, o ballet clássico em Florianópolis não vai morrer tão cedo. Há um mês existe oficialmente a Escola Permanente de Dança do Centro Integrado de Cultura (CIC). O objetivo dela é, no futuro, formar uma companhia de dança profissional mantida pelo governo de Santa Catarina, o que já acontece em outros estados como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro.

O espetáculo de inauguração contou com a participação de 50 bailarinos da escola do CIC, que funciona há três meses, mais 30 alunas do Ballet Paula Castro de São Paulo, além de bailarinos profissionais do mesmo grupo. Juntos, eles dividiram o palco nos repertórios *Copélia* e *O Quebra-Nozes*. Para Paula Castro,

diretora do ballet e da Escola Permanente de Dança do CIC, o intercâmbio é para motivar os alunos das duas escolas.

Atualmente, a escola do CIC possui apenas aulas de ballet clássico. Entretanto, o modelo a ser adotado será o do Ballet Paula Castro, que já vigora há 20 anos em São Paulo. O Ballet é uma escola de primeiro e segundo grau na área da dança, na qual entre as “disciplinas” a serem cursadas estão o Clássico, Técnica de Dança Moderna, Sapateado, Jazz, Danças Folclóricas, Música, Expressão Corporal e Técnica Teatral. No segundo grau, os alunos têm Anatomia, Cinesiologia (estudo dos movimentos), História da Dança, Repertório (os grandes ballets) e Coreografia, entre outros. Ela acompanha o aluno como em uma escola “comum”, ou seja, se o estudante de ballet ingressa com sete anos (primeira série), ele completará o curso aos 17 (terceiro ano do segundo grau).

METODOLOGIA - O ballet clássico apresenta diversos métodos de ensino, entre eles o francês, o inglês, o russo, o italiano e o mais recente, o

cubano. No Brasil, os dois primeiros são os mais utilizados. Entretanto, nos últimos anos, a *Escuela Nacional de Ballet de Cuba*, que criou o método cubano, vem se destacando como uma das melhores do mundo. A metodologia, além de simplificar a nomenclatura e a mecânica dos passos, é considerada como a mais adaptável ao biotipo brasileiro. Por exemplo, os quadris das mulheres latinas são mais avantajados do que os das europeias e isso influi em se tratando de ballet clássico. O método foi trazido por Paula para a escola de São Paulo há três anos e agora foi implantado em Florianópolis.

TALENTOS - Apesar do espetáculo ter sido realizado sem o linóleo (uma espécie de plástico que recobre o palco para evitar que o bailarino escorregue), Paula acredita que a escola terá uma boa infra-estrutura. O maior problema, segundo ela, está na falta de informação e de eventos, ou seja, um maior intercâmbio, para ampliar os horizontes dos profissionais de Florianópolis. Contudo, Paula admite ter ficado impressionada com os talentos da cidade. (R.L.) **Z**

Histórias que nós esquecemos

Episódios da política e do futebol de Santa Catarina são recontados nos livros de estreia de dois jornalistas

por Romeu Martins

Este ano dois ex-alunos do curso de jornalismo da UFSC lançaram livros sobre algumas das maiores instituições nacionais — o futebol e o massacre. José da Silva Jr., 22 anos, contou em *Histórias que a bola esqueceu* a trajetória do Esporte Clube Metropol. Maurício Oliveira, 23 anos, escreveu sobre a mais famosa matança ocorrida em terras catarinenses, o episódio conhecido como Massacre de Anhatomirim e que dá nome ao livro. Como define José da Silva, os dois temas dividem as pessoas entre as que já ouviram falar qualquer coisa sobre o assunto e as que nunca ouviram falar nada.

Quem ouviu falar do Metropol? Time reforçado no começo dos anos 60, em Criciúma, durante uma greve dos mineiros da região, foi cinco vezes campeão catarinense, duas vezes campeão sul-brasileiro, fez uma inacreditável excursão pela Europa e chegou a ser condecorado pela CBD, a CBF da época. De tanto ouvir duvidarem da existência do mítico time, o criciunense José da Silva resolveu pesquisar o assunto.

A diferença entre o projeto e o livro é que o primeiro ficou pronto em oito dias e foi feito com 15 entrevistados, e o livro ouviu mais 25 pessoas e gastou 18 meses. Depois de pronto o texto, começou a parte mais complicada: a edição da obra. O esquema das grandes editoras

não agradava o jornalista. "Dez por cento é coisa de garçom. Como eu não trabalho de gravata borboleta, fui procurar uma editora independente". O negócio foi fechado com a CMM Comunicação, também estreando no mercado, e também criada por duas ex-alunas do curso de jornalismo. O próximo passo foi conseguir alguém de peso para o prefácio. Pensou em Armando Nogueira, que se dispôs a escrever, mas em troca de R\$ 5 mil. Como pagar para ser elogiado não estava em seus planos, teve melhor sorte com Ruy Castro, autor de *Estrela Solitária*, que fez o trabalho na camaradagem.

MASSACRE- O livro de Maurício Oliveira também nasceu do trabalho final para o curso. O interesse pelo tema veio com a sua aproximação do grupo que contesta se é homenagem ou humilhação à capital catarinense ter o nome inspirado em Floriano Peixoto, presidente do Brasil durante a Primeira República, e considerado por eles responsável direto pelo Massacre de Anhatomirim.

O fato é que em 1894 o comandante militar do estado ordenou o fuzilamento de 185 presos políticos oposicionistas ao governo federal. Por si só o número assusta: é maior que a soma de mortos nas chachinas de Garandiru, Candelária e Eldorado dos Carajás. Mas se levarmos em conta a reduzida população da época, o número proporcional a hoje assusta ainda mais — 3 mil pessoas.

REVANCHE- Para reconstituir o caso, Maurício contou com três fontes de pesquisa: os jornais da época, livros,

como *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e entrevistas com os descendentes das vítimas. É exatamente pelo perfil dos mortos na ilha-fortaleza, membros da chamada elite estadual, que muitos consideram a questão da mudança do nome um revanchismo burguês. "Nasci no Rio de Janeiro, e não tenho parentesco com ninguém envolvido no caso, assim como a maioria das pessoas no movimento", defende-se o jornalista, e acrescenta que a mudança do nome é uma questão menor. O objetivo é difundir o que realmente aconteceu, e, para tanto, a editora do livro, a Terceiro Milênio, espera que a obra seja adotada para as aulas de História. O que não será fácil, uma vez que oficialmente o "Marechal de Ferro" é herói nacional.

O Massacre de Anhatomirim é o terceiro livro da série sobre a História catarinense da Terceiro



Os trabalhos de conclusão de curso de Maurício e Zé Dasilva acabaram virando livros. Daniel Burigo/ZERO

Milênio, e conta ainda com ilustrações de Clóvis Medeiros, chargista do jornal *O Estado*. Infelizmente, por razões editoriais, a reportagem que acompanha o relato histórico no projeto de conclusão, ficou de fora do livro. Outra editora, a Insular, já mostrou interesse em publicar a versão integral, com a opção por um texto mais opinativo. "Só vou ter que reescrever para não ter problemas com a primeira editora", finaliza. **Z**

CULTURA

Diálogo insólito



Maurício Oliveira: Como você se sente sendo um Zé Dasilva qualquer?

Zé Dasilva: Ser um Zé Dasilva, antes de mais nada, é ter consciência de que eu tenho um nome a zerar. Nós, os Zé Dasilva, somos um exército adormecido.

Zé: Você está vendendo bem o livro? Vende quatro aí pra eu ver?

Maurício: Infelizmente, os livros não estão comigo. Estão nas livrarias, bancas de revista e até em postos de gasolina. Por falar nisso: tu conheces o negão que tem posto aí atrás? Ele resolve o teu problema.

Maurício: Mudando de assunto... Lembra alguns anos atrás, aquele clima na praia, uma chuvinha nas costas...?

Zé: Olha, não trago recordação



desse episódio, não. Pelo que eu li no seu livro, o tal massacre foi na praia, e você omitiu o fato da chuvinha...

Zé: Qual o próximo livro que você está bolando?

Maurício: É o *Faxina em Anhatomirim*. Parece que, depois do massacre, ficou a maior sujeira por lá.

Maurício: É verdade que a bola esqueceu as histórias, mas você nunca esqueceu as bolas?

Zé: Óbvio que eu jamais poderia esquecer-las. Se eu as esquecesse por aí, poderia apenas escrever um livro e plantar uma árvore.

Zé: Com todo o respeito a sua fidelidade, deu para você cometer algum massacre com esse livro?

Maurício: Entre mortos e feridos, todo mundo escapou. **Z**

ZERO 25

Chatô e os palavrões

por Rogério Kiefer

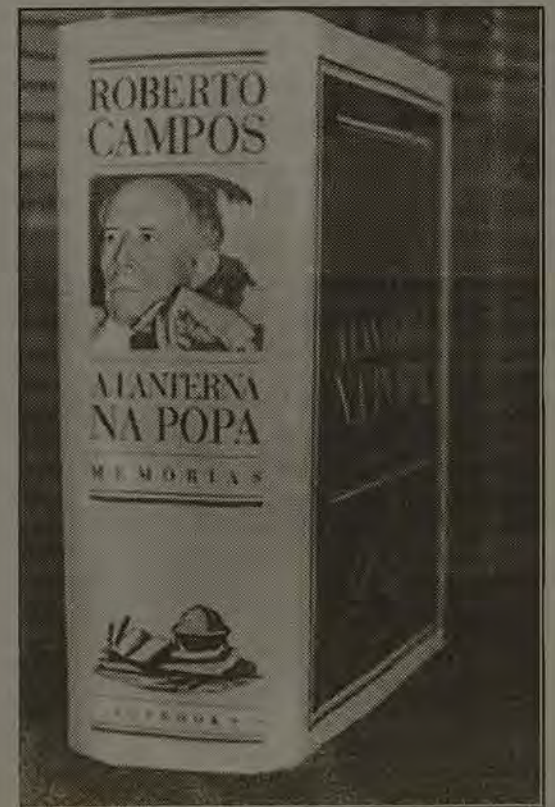
No ano passado a Academia Brasileira de Letras concedeu ao livro *Lanterna na Popa*, do deputado federal Roberto Campos, o prêmio José Ermirio de Moraes, de melhor obra do ano. O outro concorrente à bolada de R\$ 50 mil foi *Chatô — o rei do Brasil*, escrito pelo jornalista Fernando Morais. A segunda obra foi considerada, por muitos, superior ao de Roberto Campos. Acredita-se que Chatô não levou o prêmio por causa dos palavrões dedicados à mãe de José Ermirio por Assis Chateaubriand que estão nesta excelente biografia de um dos maiores barões da comunicação brasileira de todos os tempos.

Os Diários Associados tiveram, durante duas décadas, tanto poder quanto a Rede Globo possui hoje. Diversos jornais, a revista mais lida do país, várias emissoras de rádio e as primeiras estações de televisão faziam parte do verdadeiro império erguido por Assis Chateaubriand. De forma simples e objetiva o jornalista Fernando Morais demonstra como um homem, analfabeto até os 12 anos, transformou-se num dos mais importantes comunicadores do Brasil. Essa transformação não se deu de forma totalmente limpa, algumas vezes Chatô usava expedientes não muito nobres para conseguir o que desejava.

Chatô descreve uma época diferente no jornalismo, onde as empresas da mídia eram ligadas aos poderosos e tinham sua posição política bem definida. Esse contexto, somado ao enorme apego pelo poder que movia Chateaubriand fez dele uma figura importantíssima no cenário político nacional por mais de 30 anos. Não houve nenhum presidente entre 1930 e 1964 que não tenha pedido apoio ao jornalista para conseguir chegar ao governo.

O relacionamento de Chatô com Getúlio Vargas demonstra bem essa situação. Na revolução de 30, o jornalista pegou em armas para apoiar o movimento da Aliança. Dois anos mais tarde, estava lutando ao lado dos paulistas para derrubar um governo que chamava de ditatorial. Depois, em 54, seria o responsável pela volta de Getúlio ao cenário político nacional, mandando Samuel Weiner entrevistá-lo em Bagé.

Esse apoio aos políticos não se dava de maneira desinteressada. Usando sua influência, o jornalista conseguiria apoio de poderosos para conquistar o que queria e até para satisfazer caprichos. Como a criação de uma lei que possibilitasse a adoção de sua filha ilegítima, Teresa, sendo que até hoje a lei é conhecida pelo apelido da menina, *Teresoca*. Juscelino Kubitschek, depois de eleito com o apoio dos Diários Associados, iria nomear Chateaubriand como embaixador na Inglaterra pois o jornalista queria conhecer a Rainha Elizabeth I de qualquer maneira. **Z**



livro de Roberto Campos foi o vencedor mais conveniente

Christina Veladão/ZERO

CULTURA

CRÔNICA



Rita, desculpe o auê...

por Allayn Rothermel

Os fãs da rainha do rock viveram momentos de êxtase e decepção na semana passada. Anunciado aos quatro ventos, o show foi cancelado na véspera, deixando na mão tanto a estrela, cujos equipamentos já estavam sendo montados, quanto o público que adquiriu os ingressos. No final das contas, todos saíram "queimados" com essa história: a prefeitura, o empresário da Rita Lee, os promotores do show.

O Ilha Shopping, que ainda este ano sediou convenções, festivais e até um show internacional - o do grupo australiano *Men at Work* - não tem o alvará do Corpo de Bombeiros há três anos. Durante esse período, os espetáculos e feiras que aconteceram no Ilha Shopping foram garantidos por uma liminar que a prefeitura obtinha na Justiça. A mesma que ela tentou obter na véspera do show e foi negada. Não é o caso de um alvará garantir que tal estrutura desabe ou fique de pé, visto que o Shopping de Osasco tinha todos os alvarás necessários.

Ruim com o alvará, pior sem ele. O que procede é o risco que esses locais destinados a comportar grandes públicos oferecem.

O Brasil está repleto de estádios, pavilhões de feiras e convenções, ginásios. Jogos de futebol, festas, congressos ocorrem o tempo todo. Será que essas estruturas de concreto e aço estão devidamente dentro dos padrões de segurança? Quantas pessoas es-

"Será que essas estruturas de concreto e aço estão devidamente dentro dos padrões de segurança? Quantas pessoas estão expostas à sorte nos milhares de shows, rodeios e festivais Brasil afora?"

tão expostas à sorte nos milhares de shows, rodeios e festivais Brasil afora? E o que dizer da própria Rita Lee, cuja vida foi colocada em risco por um punhado de reais? Qual empresário fecha uma turnê sem garantir estrutura ade-

quada às apresentações?

No Brasil, estádios e shoppings são construídos a toque de caixa por um único motivo: lucro. Depois de prontos, raramente passam por reformas ou melhorias. Dessa forma, proliferam verdadeiras "bombas-relógio" que se espalham por todo país. A fraca memória do brasileiro fez esquecer a arqui-bancada do estádio que desabou durante o jogo, o palco que caiu com a orquestra inteira, e fará esquecer o episódio de Osasco. A Justiça foi sensata ao evitar mais um capítulo dessa apologia do esquecimento. Pode ser, contudo, que uma fatalidade possa derrubar o Ilha Shopping segundos depois da liberação do alvará, mas antes uma fatalidade do que uma falha de segurança.

No melhor estilo "sua satisfação garantida ou seu dinheiro de volta", resta ao público devolver os ingressos, que inclusive ajudaram na campanha do agasalho. E esperar pelo alvará que vai garantir a presença da rainha em setembro. **Z**

ZERO 26

Sansão te cuida

por Dubes Sônego

Homem, cabelos compridos, entre 14 e 21 anos, filho de pais conservadores, trabalhador e à procura de emprego, calouro da universidade ou, ainda, candidato a recrutar. Esse é o perfil dos vendedores de cabelo, que abastecem salões de beleza de Florianópolis especializados em apliques, implantes e perucas.

Vender o cabelo pode ser a saída menos desvantajosa para quem é forçado a cortá-lo. Três salões da capital estão nesse negócio. Os preços de compra variam de acordo

"Eu pagaria até R\$ 200 se encontrasse uma velhinha de cabelos compridos, grisalhos e virgens"

com o estabelecimento, indo desde "vale cortes de cabelo" até R\$ 200.

A avaliação do cabelo é feita de forma diferente em cada um dos três pontos de compra da cidade. No

salão Vera Perucas, por exemplo, o produto é avaliado de acordo com o comprimento, volume e "virgindade" (cabelos sem tintura). A dona do salão, Dalva Rossana da Silva, diz que já comprou cabelos com 20cm por R\$15,00, mas costuma comprar fios com no mínimo 35cm, pelos quais chega a pagar R\$100,00. Cabelos pintados são desvalorizados. "Geralmente usamos mais de um rabo de cavalo em um mesmo trabalho, e é quase impossível achar dois cabelos pintados com a mesma cor e tom", diz Dalva. "É por isso que raramente negociamos com moças. A maioria pinta o cabelo", explica.

Na Interlace, outro ponto de compra da cidade, além dos três critérios utilizados por Dalva, somam-se outros dois: o tom natural e a textura do cabelo. Tânia Camargo, dona do salão, diz que quanto mais raro o tom, mais valioso é o cabelo. "É a lei da oferta e procura", simplifica. Por exemplo, um cabelo loiro cacheado vale muito mais do que um preto liso. Os preços pagos por Tânia variam de R\$ 40 a R\$ 100, mas ela afirma que pagaria até 200 se encontrasse uma velhinha de cabelos compridos, grisalhos e virgens.

A terceira opção de venda é o salão Corine de France, que troca o cabelo por "vale cortes". Os critérios utilizados também são o comprimento, volume e virgindade. Um bom cabelo pode ser trocado por 4 vales. No entanto, a dona do salão, Corine, reconhece que o sistema não atrai muita gente. Prova disso é o número de cabelos trocados este ano. "Talvez uns três ou quatro", diz Corine.



Na compra o cabelo é avaliado



de acordo com o volume, comprimento e virgindade (sem tinturas).



Seu preço varia do direito a um simples vale corte até R\$ 200.



Daniela Quiróz/ZERO

Brechó Essa é do baú

por Andréa Marques e Beatriz Prates

Nos tempos de recessão o brechó se torna a alternativa para quem gosta de andar na moda.

Quem pensa que só vai encontrar roupas velhas e fora de moda, está por fora. Cuidado, não confunda bazar com brechó. Uma das grandes diferenças entre eles é a qualidade. Roupas vendidas nos brechós são mais conservadas, exclusivas e baratas.

Comprar roupas usadas está se tornando um hábito para o consumidor exigente que quer andar na moda e ao mesmo tempo gastar pouco. Há muito tempo nos Estados Unidos e na Europa é costume comprar nesses tipos de lojas. E é desses países, que vêm a maioria das roupas usadas vendidas aqui.

Em Florianópolis esse tipo de moda é um fenômeno recente. Patrícia Philippi, do Art Brechó (que funciona há um ano) decidiu abrir um "brechó de estilo", que na sua opinião ainda não existia na cidade.

Junto com Cristiane Neves, Patrícia também presta serviços de assessoria de moda. O figurino da banda de rock "Os Cafonas" é uma das produções da loja.

No dia 3 de junho Florianópolis ganhou mais uma brechó de qualidade. A proprietária Mônica Moretti acredita que abriu a loja na hora certa. "Na situação política e econômica de hoje, podemos oferecer peças de qualidade com preços acessíveis a todos". Além disso, Mônica pretende montar um espaço cultural dentro da loja, para venda de pinturas, objetos de cerâmica e palha, entre outros.

O grande barato dos brechós não é o preço, e sim a diversão. Fazer compras é uma brincadeira de misturar estilos, épocas e tendências. Você pode sair como Janis Joplin, Che Guevara, Jimi Hendrix, Bob Marley, Elis Regina, Carmem Miranda, Michael Jackson, Madonna ...



Andréa Marques/ZERO

O grande barato dos brechós não é o preço e sim a diversão. Você pode sair como Janis Joplin, Che Guevara, Jimi Hendrix, Bob Marley, Elis Regina, Carmem Miranda, Michael Jackson, Madonna ...

Banzé no Planalto

por Nathan Manfroi

João Amorim ataca novamente. Depois dos *punks*, mexicanos e ex-soldados do Vietnã - personagens do seu primeiro filme, "Calibre 12" (1987), o cineasta transforma Lages desta vez no palco de um típico faroeste, em "Homem sem Terra - A Volta de João Amorim".

Artista de rádio, televisão, cinema e música, como ele próprio gosta de se definir, João Amorim prevê o lançamento do filme para julho deste ano nas cidades de Lages e Novo Hamburgo (RS). Depois disso o lançamento será feito em todo o país. "Homem sem Terra" conta com a participação de artistas conhecidos como Pedro de Lara e Zé do Caixão. As filmagens começaram há três meses, após outros três meses de ensaio.

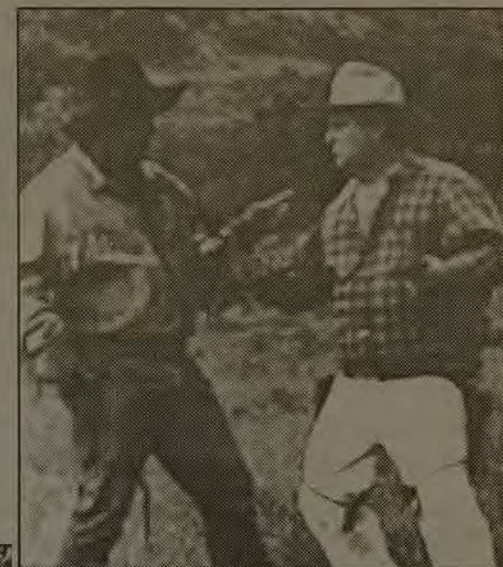
O novo filme vai custar em torno de R\$ 800 mil, o dobro do que custou "Calibre 12", e tem o patrocínio da prefeitura de Lages, além de outras cinco empresas da cidade. Amorim diz que a principal dificuldade está em encontrar apoio das autoridades competentes.

O roteiro é do próprio João Amorim, que também é o protagonista de "Homem sem Terra". Ele diz que começou a fazer cinema porque "era um desejo desde criança". Além dos filmes, Amorim é empresário e tem também 14 discos gravados, em 27 anos de carreira. Segundo um jornal lageano, "o filme estará disponível em breve nas melhores locadoras..." **Z**



Divulgação

O cineasta, cantor, ator, empresário e vereador lageano ataca mais uma vez na produção "Homem sem terra - a volta de João Amorim". Em ritmo de megaprodução pampeana, a saga conta com a participação de Zé do Caixão e Pedro de Lara, que contracenam com o próprio roteirista e protagonista João Amorim





A edição tupiniquim

por Romeu Martins

O pulp fiction - gênero literário que originou os quadrinhos modernos - livros de contos fantásticos, feitos de papel de baixa qualidade (portanto, mais baratos) e com algumas ilustrações - chegou ao Brasil. A editora paulista Mercury é quem vai trazer aos brasileiros as histórias originais de Conan, o bárbaro. Ele chegará mensalmente às bancas no formato livro de bolso (11,5x17,5 cm).

Para atingir quem tem a mania o personagem apenas nos quadrinhos, a Mercury negociou com a Baror International Inc. os direitos de publicação em português não só das histórias de Howard, como de outros escritores que trabalham com o bárbaro, como L. Sprague de Camp e Lin Carter. "Vamos publicar toda a bibliografia de Conan", garante Bussadori.

O primeiro número de *Conan - Espada & Magia* já trouxe surpresas interessantes e alguns problemas. Para começar, a parte boa: a carta que Howard enviou para P. Schuyler Miller, onde traça uma biografia de Conan e comenta algumas de suas histórias. Também traz um artigo do autor detalhando o período fictício em que viveria o personagem. O ponto fraco fica por conta das ilustrações no interior do pulp fiction. Descaradamente copiadas dos quadrinhos editados no Brasil pela Editora Abril, os desenhos estão, na maioria das vezes, fora do contexto da história. Quanto aos desenhos de capa, apesar de não poderem ser comparados com o incrível trabalho de Frank Fazzetta, o capista dos "states" na década de 60, os brasileiros até que dão conta do recado.

Infelizmente, o maior problema continua sendo a eterna dor de cabeça de quem lê as aventuras do cimério - a cronologia. A exemplo dos *comics* da Abril, nos pulps da Mercury uma história de Conan aos 30 anos pode preceder uma outra na qual ele ainda é adolescente. A justificativa da editora é uma velha conhecida: "Estamos adaptando a ordem das histórias porque Howard sempre escreveu os contos numa sequência confusa".

Realmente, nas 18 histórias que publicou na revista de contos "Weird Tales", de 1932 a 1936, o autor não fazia por me-

As novas revistas editadas pela Mercury carregam a eterna falta de cronologia que existe na trajetória do herói: é comum uma história de Conan aos 30 anos preceder uma outra na qual ele ainda é adolescente

nos. Alternava as fases da vida do personagem conforme iam surgindo idéias, sem seguir uma cronologia definida. O prejuízo só não é maior porque entre cada conto estão inseridos trechos de "A Probable Outline of Conan's Career", de P. Schuyler Miller e John D. Clark, a mais completa biografia feita para o personagem.

HIBORIANA - Segundo essa biografia e os escritos deixados por Howard, Conan nasceu há 12 mil anos, numa era que seu criador chamou de *Hiboriana*, onde a Ásia, a Europa e a África estariam unidas num supercontinente. Dentro desse mundo imaginário, a liberdade de criação de Howard foi infinitamente maior e assim pôde desenvolver a trajetória de Conan - de bárbaro nascido no meio do campo de batalha na Ciméria (atual Inglaterra), até se tornar rei da mais importante nação da época: a Aquilônia (aproximadamente a França e Alemanha de hoje). Nesse meio tempo, o cimério foi um ladrão na adolescência, pirata aos 20 anos e líder de saqueadores aos 30, entre outras atividades igualmente movimentadas. Como escreveu certa vez Lin Carter, "Conan nunca será o modelo de herói, mas um

mercenário calculista lutando pela sobrevivência num mundo bárbaro, onde nem sempre os finais são felizes".

A epopéia do bárbaro no Brasil

- Espada Selvagem de Conan** (1984) — mensal, preto e branco em formato (21x27)
 - Conan em Cores** *(1987) — sem periodicidade definida, colorida em formato
 - Conan, o Bárbaro** — Especial* (1989) — sem periodicidade definida, p&b em formato
 - Conan Rei*** (1990) — mensal, colorida em formato americano (17x25,5)
 - ESC Reedição*** (1990) — mensal, p&b em formato
 - Conan, o Bárbaro** (1992) — mensal, colorida em formato (13x19)
 - Conan Saga** (1993) — trimestral, p&b em formato
 - Rei Conan** (1995) — minissérie mensal, em oito partes, colorida em formato
 - Conan, o Aventureiro** (1995) — bimestral, colorida em formato americano
- *não estão mais em circulação

Com a morte de seu criador, no dia 11 de junho de 1936, quando aos 30 anos, Howard suicidou-se com um tiro ao saber que sua mãe jamais se recuperaria de um coma pós-operatório, o destino lógico de Conan seria cair no esquecimento, como outros protagonistas de pulp fiction. O fator decisivo foi um lote de histórias inéditas, algumas incompletas, encontrado por Camp e Carter nos anos 50, entre o espólio do escritor. Publicadas com grande sucesso pela Gnome Press, logo seguiu uma coleção de livros de bolso com capa dura. 1970 marcou a entrada do personagem na indústria de quadrinhos americana. O roteirista Roy Thomas, que acabara de adaptar para os *comics* "Tarzan" de Edgar Rice Burroughs, conseguiu convencer os figurões da Marvel a renovar sua linha de histórias, centradas nos já na época batidos super-heróis. Daí para frente foi um sucesso atrás do outro.

No Brasil, descontando algumas publicações irregularmente distribuídas, os quadrinhos de Conan chegaram pela Editora Abril, em 1982, na edição 36 da extinta revista "Heróis da TV". Dois anos depois, sai a revista própria do cimério: *A Espada Selvagem de Conan*. Nos anos seguintes, a publicação torna-se recordista de vendas no setor de quadrinhos nacional e dá origem ao maior número de revistas dedicadas a um único personagem no país (ver box). Isso para não falar em duas Graphic Novels, as duas quadrinizações dos dois filmes e alguns almanaques. Resumindo, as pouco mais de duas dezenas de contos criados por Robert E. Howard, renderam para a indústria dos quadrinhos, até o momento, quase mil histórias. Haja imaginação.

IMAGENS

Fotos coloridas produzidas pelos alunos do curso de Jornalismo da UFSC



Se Santa Catarina é o melhor lugar do mundo, há o que duvidar. Melhor mesmo, por aqui, é o mar. Dois momentos de beleza no entardecer: Daniela Queiroz registra a praia do Matadeiro. Abaixo foto de Laguna, por Marina Morus.

